
Segmento: PUCRS

22/05/2020 | Coluna do Nenê | colunadonene.com.br | Geral

Desaprenda digital

<https://colunadonene.com.br/2020/05/21/notas-da-semana-22-05-2020/>

O consultor de empresas, professor da PUCRS/Famecos e escritor, Cassio Sclovsky Grinberg está disponibilizando uma palestra online chamada “Desaprenda” em formato digital para abrir espaço para novos conhecimentos, hábitos e comportamentos que surgem durante a pandemia. O conteúdo é bem aprofundado e de fácil absorção em que Cassio explica como lidar com essas questões. Para mais detalhes entre em contato diretamente com o palestrante.

22/05/2020 | Dourados Agora | douradosagora.com.br | Geral

Profissionais do SUS já podem contar com suporte psicológico

<https://www.douradosagora.com.br/noticias/ciencia-saude/profissionais-do-sus-ja-podem-contar-com-suporte-psicologico>

Já está disponível o serviço de suporte psicológico para os profissionais de saúde que estão na linha de frente do combate à COVID-19 em todo o país.

O projeto TelePSI, desenvolvido pelo Ministério da Saúde e Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), prestará serviços de teleconsulta psicológica por meio de uma central de atendimento que funcionará de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h, pelo 0800 644 6543.

A iniciativa é um reconhecimento da necessidade de apoio a esses profissionais que, pelo trabalho intenso, com riscos de contaminação elevados e condições adversas, podem desenvolver quadros de ansiedade, depressão, irritabilidade, transtornos de estresse agudo, entre outros problemas.

O projeto deve funcionar até setembro e conta com um investimento federal de R\$ 2,3 milhões.

"Com esta iniciativa, vamos prestar assistência a todos os profissionais de saúde que estão precisando de apoio neste momento tão difícil, que é estar à frente do combate de uma pandemia.

É fato que houve aumento significativo de profissionais com sintomas de estresse, ansiedade e depressão.

Com o TelePSI, conseguiremos evitar que esse sofrimento psíquico se agrave e se transforme em algo mais grave", explica a coordenadora de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Maria Dilma Teodoro.

A central de atendimento para apoio psicológico é formada por 36 profissionais de Psicologia e Psiquiatria, que foram selecionados por edital e capacitados para o projeto.

O canal é destinado a todos os profissionais das 14 categorias da saúde que atuam nos atendimentos relacionados à COVID-19 e que sintam a necessidade de suporte neste momento, como médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, biomédicos e farmacêuticos.

O projeto-piloto de âmbito nacional prevê atendimento a pelo menos 10 mil profissionais de saúde, podendo ser expandido de acordo com a procura.

É a primeira vez que a psicoterapia será utilizada no teleatendimento em um contexto de pandemia, por isso, a ação subsidiará pesquisas sobre a eficácia de diferentes modalidades de psicoterapia.

O projeto também irá disponibilizar materiais como manuais, vídeos e sessões simuladas para que a experiência possa ser replicada em outros locais. a proposta é também oferecer material como manuais e vídeos produzidos para que a experiência possa ser replicada em outros locais.

A iniciativa também conta com o apoio da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (APRS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), e Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HC-FMUSP).

COMO SERÁ FEITO O ATENDIMENTO

No primeiro contato, após uma avaliação, o profissional do projeto selecionará a melhor abordagem e tratamento para o paciente naquele momento.

A teleconsulta será feita por videochamada, utilizando estratégias de intervenção em situação de crise, por meio de psicoeducação, psicoterapia cognitivo-comportamental e psicoterapia interpessoal.

Os pacientes que forem identificados com potencial de risco ou sintomatologia muito intensa serão encaminhados para avaliação psiquiátrica. Se houver necessidade de medicação, o profissional será encaminhado para a rede de saúde local.

Aqueles que tiverem indicação para intervenção psicoeducativa contarão com materiais e vídeos produzidos pela equipe técnica responsável pelo projeto, coordenada pelo médico e doutor em psiquiatria Giovanni Abrahão Salum, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

"Esperamos que os profissionais obtenham alívio para o seu sofrimento utilizando o que já se sabe de intervenções que funcionam e que têm base científica.

O projeto testará também que tipo de técnica pode ser mais adequada para essas situações de crise", reforçou o coordenador.

SUPORTE TÉCNICO

Para os especialistas que atuam no projeto serão disponibilizados manuais com o modelo de atendimento terapêutico desenhado no projeto.

Até o momento, dois manuais sobre Telepsicoeducação foram lançados, além dos manuais de Telepsicoterapia Cognitivo-Comportamental Breve e Telepsicoterapia Interpessoal Breve.

O projeto disponibiliza ainda vídeo-aulas sobre como aplicar os manuais na prática e exemplos de sessões simuladas, com personagens fictícios, para facilitar a disseminação das técnicas utilizadas no projeto.

Além deles, a versão preliminar de 28 vídeos sobre psicoeducação foram elaborados e já estão disponíveis para ajudar nas psicoterapias. Todos os materiais podem ser encontrados na plataforma do TelePSI.

O Ministério da Saúde já havia disponibilizado atendimento psiquiátrico para profissionais de saúde da estratégia "O Brasil Conta Comigo".

Por meio do programa, o Ministério da Saúde contratou 388 profissionais de saúde para reforçar a assistência prestada à saúde da

população do estado do Amazonas.
TeleSUS

O TelePSI faz parte da estratégia TeleSUS, que oferta teleatendimento clínico para que a população não precise sair de casa para receber diagnósticos e orientações sobre sinais e sintomas de infecção por coronavírus.

Com os serviços do TeleSUS - Disque Saúde 136, Chatbot disponível na página do Ministério da Saúde (www.saude.gov.br), ou pelo aplicativo Coronavírus SUS - qualquer pessoa pode tirar dúvidas e até se consultar com um profissional de saúde.

Além disso, o Ministério da Saúde, por meio de busca ativa, entra em contato, por telefone, para monitorar a saúde da população.

Até o momento, 28,1 milhões de pessoas já buscaram os serviços do TeleSUS. Deste total, 3,4 milhões de pessoas permanecem em acompanhamento.

22/05/2020 | Felipe Vieira | felipevieira.com.br | Geral

Lançamento editorial aborda a tradição cultural cigana

<http://felipevieira.com.br/site/detalhes-noticia/?id=144500>

Livro que será lançado no dia 24 de maio analisa quatro grupos étnicos que viveram em localidades diferentes do RS a partir do início do Século XXI. Débora em frente à Fonte Talavera, na Prefeitura, onde as ciganas costumam ficar para ler a sorte. Foto Luis Ferreirah

A pesquisadora Débora Soares Karpowicz escolheu o dia 24 de maio, data em que se comemora, em todo o mundo, o dia de Santa Sarah Cali ou Kali (que significa “negra”), padroeira do povo cigano, para lançar seu livro de estreia, “Ciganos – História, Identidade e Cultura”. A obra analisa em que medida a longa tradição cultural cigana e sua condição de povo nômade, ágrafo e excluído social e politicamente de várias formas, em vários continentes, há vários séculos, se preserva na vida cotidiana de quatro grupos de ciganos que viveram – e ainda vivem – em localidades diferentes do Rio Grande do Sul, a partir do início do Século XXI.

O projeto é uma iniciativa da Associação Clube ArteparaTodos, que venceu o Edital 21/2016, obtendo o financiamento do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte), ligado à Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. Devido às medidas temporárias de prevenção ao contágio pela COVID-19 (novo Coronavírus), o lançamento ocorrerá de forma virtual, por meio de um live que contará com a participação da autora e será mediada pela jornalista e produtora cultural Silvia Abreu. O evento será transmitido em tempo real, simultaneamente enquanto ocorre, por meio das redes sociais do projeto: <https://www.instagram.com/ciganoshistoria> e <https://www.facebook.com/CiganosHistoria>

– Pensar a história dos ciganos é perceber que tudo aquilo que reproduzimos, que escutamos, muitas vezes, não é verdadeiro, então, quando nos apropriamos da real história desse grupo, da sua identidade, da sua cultura, constatamos o quanto temos a aprender com esse povo, avalia Débora Soares Karpowicz. E acrescenta: – Eu diria que o meu maior aprendizado com os ciganos, particularmente os quatro grupos que analisei nestes dois anos de convivência, em que estive presente em seus acampamentos, foi a resiliência, afirma.

Segundo Débora, desde o Século XVI, particularmente no Brasil, os ciganos vêm sofrendo constantes ataques. – São discriminados, perseguidos pela polícia e por grande parte da população. A despeito disso, eles continuam lutando, observa. – Eles lutam para garantirem sua identidade, por pertencimento, para manterem-se e para serem ciganos. Portanto, temos muito que aprender com eles, com sua cultura, que é diversa, que é una, que é plural. A resiliência e a luta cigana ainda são os principais valores que eu aprendi com este povo?, conclui.

“Ciganos – História, Identidade e Cultura” foi escrito a partir de sólida pesquisa e de entrevistas com grupos de ciganos de Porto Alegre e Região Metropolitana e não ciganos em diferentes bairros de Porto Alegre, além de observações junto à comunidade cigana que trabalha no Centro de Porto Alegre e, em grande parte, mora na Região Metropolitana, ao longo de dois anos. Tal estudo é fruto do trabalho de conclusão de mestrado no curso de História, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

(PUCRS), por Débora Soares Karpowicz, hoje doutora na mesma área.

Débora conta que os motivos que a fizeram se dedicar ao tema iniciaram, primeiramente, da observação de um grupo de ciganas, atuando no Centro de Porto Alegre, e da forma como as pessoas se relacionavam com aquelas mulheres. A partir de aí, decidiu iniciar o estudo visando o seu mestrado em História. Foi quando constatou a escassa bibliografia existente sobre o assunto a ser investigado. – Ao iniciar minha pesquisa, há cerca de 10 anos, não havia na minha faculdade nenhum estudo científico sobre este grupo étnico. Eu encontrei, apenas, um livro na área de Filosofia e alguns apontamentos, bem dispersos. Existem, sim, pesquisas relevantes sobre o tema, mas não no Rio Grande do Sul, pelo o menos no período em que eu fiz minha investigação. Provavelmente, já tenha outras pesquisas de relevância, mas nas últimas vezes que eu procurei, de fato, não tinha absolutamente nada, então isso foi uma das razões que me fizeram pesquisar, explica a autora.

Sobre a autora:

Débora Soares Karpowicz é doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em História (PUCRS-2011). Graduada em História (PUCRS-2009). Desenvolveu pesquisa de doutorado relacionada à História da Penitenciária Feminina Madre Pelletier de Porto Alegre (RS-Brasil). Atua, principalmente, nas seguintes linhas de investigação: História do Brasil, História do Rio Grande do Sul, História das Ideias, História das Instituições, Etnicidade, Identidade, História dos Ciganos.

Sobre o ArteparaTodos:

O ArteparaTodos é uma associação de artistas, fundada em 2006, sem fins lucrativos, que tem como objetivo estimular, valorizar e divulgar as artes em seus mais variados gêneros, estilos e formas de expressão. A associação visa à colaboração entre artistas, propondo encontros e trocas de experiências, ajudando na produção de exposições e auxiliando na organização profissional dos artistas. As parcerias entre os artistas, outras associações, empresas públicas e privadas, completam os objetivos da associação. O ArteparaTodos divulga e colabora com todas as formas de arte, manifestações culturais e movimentos artísticos.

Acesse: <http://www.arteparatodos.art.br/>

SERVIÇO:

Lançamento do livro “Ciganos – História, Identidade e Cultura”. Live no Instagram e Facebook, com Débora Soares Karpowicz. Mediação: Silvia Abreu

Quando: 24 de maio de 2019, 18h

Redes Sociais:

Instagram: <https://www.instagram.com/ciganoshistoria>

Facebook: <https://www.facebook.com/CiganosHistoria>

22/05/2020 | Felipe Vieira | felipevieira.com.br | Geral

Porto Alegre: Liminar da Justiça suspende a execução do convênio entre Prefeitura e PUCRS para transferência do setor Materno-Infantil

<http://felipevieira.com.br/site/detalhes-noticia/?id=144674>

A sociedade gaúcha conquistou mais uma importante vitória na luta pela manutenção do setor Materno-Infantil do Hospital São Lucas da PUCRS (HSL). Em decisão divulgada nesta sexta-feira (22), a 3ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Porto Alegre,

atendendo a pedido formulado pelo Ministério Público do Estado (MP-RS) em Ação Civil Pública movida com subsídios fornecidos pelo Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), deferiu medida liminar que suspende a execução do contrato que prevê a transferência do setor Materno-Infantil da PUCRS para o Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV) até que haja uma manifestação do Conselho Municipal de Saúde sobre o tema.

A decisão foi tomada pela juíza Andreia Terre do Amaral, com base na ação de autoria do Ministério Público Estadual contra o Município de Porto Alegre, o HSL e a União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA) – mantenedora da PUCRS. A transferência, acordada pela Prefeitura – gestora do HMIPV – e pela direção da universidade, foi anunciada em abril passado.

A juíza considerou, em sua decisão, que não foram observadas formalidades legais na assinatura do convênio da Prefeitura com a PUCRS. A ação do Ministério Público se baseou em apontamentos do Simers sobre os prejuízos aos usuários do atendimento de saúde decorrentes da transferência.

Para o presidente do Simers, Marcelo Matias, a decisão do Tribunal de Justiça comprova toda a ação da entidade médica desde o anúncio da intenção de transferência do Setor Materno-Infantil da PUCRS para o HMIPV. “O Simers comemora a decisão da Justiça porque ela possibilita a participação da população, que será diretamente atingida pela decisão e traz transparência ao processo, algo que faltou até agora”, afirmou.

Entenda o caso

No início de março, o Simers e outras entidades médicas tomaram conhecimento da intenção de transferência. Preocupado com a situação das crianças em atendimento na unidade e dos estudantes de Medicina da PUCRS, que utilizam o setor para seu aprendizado, o Simers criou a campanha “SIM Materno-Infantil”. Para a entidade, o fechamento do setor, além de desamparar pacientes, também será prejudicial a médicos, professores, residentes e alunos.

Em abril, a Prefeitura e a PUCRS anunciaram o convênio de transferência. Na ocasião, o Simers considerou que houve “falta de transparência” no processo e voltou a acionar o Ministério Público.

No mesmo mês, o Simers foi impedido de realizar vistoria no HSL e no HMIPV, mesmo com a solicitação da promotora Liliane Dreyer Pastoriz.

O MP ingressou, ainda em abril, na Vara da Fazenda Pública, com a ação civil pública solicitando a suspensão do acordo de transferência do serviço da unidade da PUCRS para o Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV). No dia 28, consentiu expressamente com o ingresso do Simers como assistente na ação.

22/05/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

PUCRS e hospital da Restinga fecham parceria para atendimento médico em Porto Alegre

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/05/pucrs-e-hospital-da-restinga-fecham-parceria-para-atendimento-medico-em-porto-alegre-ckahipvu000xz015n2bi597uy.html>

Alunos, professores e pesquisadores da Universidade vão atuar em conjunto com profissionais do complexo hospitalar

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e o Hospital Restinga e Extremo-Sul (HRES) firmaram parceria que visa ampliar os atendimentos de baixa e média complexidade na área da saúde em Porto Alegre. O convênio visa desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão, com estudos e serviços técnicos. Com isso, futuros profissionais dos programas de residências médicas e multiprofissional e das pós-graduações vão participar de tarefas integradas no complexo hospitalar. Estudantes de graduação e pesquisadores de diversas áreas da saúde da instituição de ensino também farão parte do projeto.

Em um primeiro momento, serão desenvolvidas atividades práticas de alunos da graduação, com supervisão de professores, e de pós-graduação no setor de internação e emergência pediátrica do hospital.

A decana associada da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS, Marion Creutzberg, afirma que a atuação em outras áreas de atenção à saúde por meio da parceria poderão ocorrer no futuro. O pró-reitor de Graduação e Educação Continuada da PUCRS, Ir. Manuir Mentges, afirmou, por meio de nota, que a parceria vai contribuir para qualificar a saúde na Capital:

"Vamos contribuir ainda mais para a saúde da população da cidade por meio dessa atuação da nossa comunidade acadêmica. Essa parceria vai ao encontro da importância da diversificação das atividades práticas na área da saúde, pois contribui, em muito, para a formação de novos profissionais".

O diretor técnico do HRES, Carlos Casartelli, avalia que a união com a PUCRS é de extrema importância e qualificará o atendimento aos usuários da casa de saúde.

Primeiras atividades no complexo hospitalar Atualmente, mais de 5 mil estudantes e profissionais da saúde estão em formação nas escolas de Medicina e de Ciências da Vida e da Saúde da PUCRS. Na pós-graduação, participarão da iniciativa acadêmicos em Residência Médica, Práticas Médicas Hospitalares e Residência Multiprofissional e Uniprofissional. Na graduação, serão estudantes de onze cursos: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Gastronomia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia.

O Hospital Restinga e Extremo-Sul conta com cinco unidades: pronto atendimento, centro de especialidades, unidade de diagnóstico e hospital e escola de gestão em Saúde. O hospital também tem um centro cirúrgico. Ao todo, são 111 leitos de internação e 48 leitos de passagem/observação no complexo.

22/05/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Com adiamento do Enem, universidades reveem calendários acadêmicos para 2021

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/05/com-adiamento-do-enem-universidades-reveem-calendarios-academicos-para-2021-ckahac1fp00op015n9xe6s42b.html>

Na UFRGS, por exemplo, o vestibular que estava previsto para 28 e 29 de novembro e 5 e 6 de dezembro foi suspenso, e alunos aguardam novas datas de realização

A certeza de que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2020 será adiado - ainda não se sabe se por 30 ou 60 dias - contrasta com a incerteza do que virá para os alunos no Ensino Superior depois disso.

Apesar de ter defendido a manutenção da prova em novembro, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, anunciou que quer fazer agora uma consulta pela internet sobre a data com estudantes. Diante das preocupações com a saúde de funcionários, professores e alunos, as universidades federais e estaduais já haviam pedido que a prova fosse postergada.

O adiamento do Enem afeta todo o planejamento das instituições de Ensino Superior no Brasil. Mas essa adaptação é necessária para dar mais oportunidade a estudantes universitários e candidatos em potencial que não estão conseguindo acompanhar aulas virtuais ou se viram repentinamente desempregados ou envolvidos com uma série de outros problemas relacionados ao avanço da pandemia.

- Apesar dos esforços empreendidos, como atividades remotas, extracurriculares e apoio psicológico, dentre outros, temos consciência de que muitos jovens são de regiões menos favorecidas do Brasil e dependem das instituições para o acesso à inclusão digital, plena ou parcial. Essa realidade compromete a participação no Exame Nacional do Ensino Médio, desde a inscrição à realização da prova - pondera Jeime Nunes de Andrade, diretor-geral do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif).

O Enem é a porta de entrada para mais de 200 mil vagas em cerca de 130 instituições por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que seleciona os candidatos conforme suas notas na prova nacional.

Calendário do vestibular da UFRGS está suspensoConcurso para ingresso na maior universidade pública do Rio Grande do Sul seria realizado em novembro e dezembroLauro Alves / Agencia RBSNa Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que

divulgou em 1º de novembro de 2019 que o concurso vestibular 2021 seria realizado em dois finais de semana, nos dias 28 e 29 de novembro e 5 e 6 de dezembro, o adiamento do Enem promoveu uma série de incertezas. Entre elas, a do próprio período de realização do vestibular.

- O calendário está suspenso. Vamos ter que avaliar ou reformular o nosso calendário na medida em que tivermos uma perspectiva de retorno das atividades de graduação - explicou o reitor da UFRGS, Rui Vicente Oppermann.

Segundo Oppermann, menos de 10% dos alunos da UFRGS estão tendo aulas durante a pandemia do coronavírus. O reitor afirmou também que "o retorno de toda a população de estudantes ainda não está no nosso futuro" e que as decisões da universidade são submetidas aos decretos do Estado e do município.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a perspectiva é de que o adiamento do Enem influencie o calendário do próximo ano, mas só para os alunos que ainda não prestaram o Enem, caso o resultado não seja divulgado a tempo e essa seja a única modalidade de ingresso que querem utilizar. Como alternativa, a universidade aplica o seu próprio processo seletivo, com prova.

Além dos processos seletivos, outras áreas acadêmicas também sofreram alterações em meio à pandemia. As universidades tiveram, por exemplo, de promover a suspensão das aulas presenciais, o estabelecimento do trabalho remoto para os servidores, o cancelamento ou realização virtual de cerimônias de formatura, de eventos e de atividades acadêmicas presenciais e das demais ações previstas nos calendários acadêmicos.

22/05/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

"Nosso TRE está apto para administrar eleições das mais difíceis", diz novo presidente do tribunal na posse

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/05/nosso-tre-esta-aptos-para-administrar-eleicoes-das-mais-dificies-diz-novo-presidente-do-tribunal-na-posse-ckaisbhh700uy015nqsv36j2i.html>

André Luiz Planella Villarinho assume em meio à possibilidade de adiamento do processo eleitoral deste ano nos municípios diante da pandemia de coronavírus

Villarinho assume o comando do tribunal para o biênio 2020/2021. Divulgação / ASCOM/TRE-RSO
desembargador André Luiz Planella Villarinho tomou posse, nesta sexta-feira (22), como presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS). A cerimônia foi realizada por meio de videoconferência em razão das medidas de segurança para controle da transmissão de coronavírus. Além da presença de integrantes da Corte, a solenidade contou com a participação do procurador regional eleitoral, Fábio Nesi Venzon.

Antes de passar o cargo, a então presidente do TRE-RS, desembargadora Marilene Bonzanini, defendeu a importância da Justiça Eleitoral e das liberdades de expressão e de imprensa. A desembargadora também agradeceu aos colegas de tribunal pela parceria durante sua gestão.

- Pelo prazo de um ano, estive no exercício da presidência do Tribunal Regional Eleitoral gaúcho, do que muito me orgulho, acreditando que, se não pude fazer melhor, fiz o meu melhor, observadas as circunstâncias do momento - afirmou Marilene.

Em seu discurso de posse, o novo presidente do TRE-RS falou sobre as eleições municipais deste ano. Villarinho comandará a Justiça Eleitoral gaúcha durante o pleito, com primeiro turno programado para 4 de outubro, mas que corre o risco de ser adiado em razão da pandemia.

- Realmente, se tratará, em outubro próximo, ou dezembro, se ocorrer o previsto adiamento, de eleições que exigirão toda nossa dedicação. E o nosso TRE está apto para administrar eleições das mais difíceis, face as conhecidas dificuldades impostas pela covid-19, no qual haveremos de observar cuidados especiais à pessoa do eleitor, especialmente o idoso, e dos mesários no dia das eleições - observou.

Durante a cerimônia, foram exibidos vídeos de autoridades parabenizando a nova gestão, que assume para o biênio 2020/2021. Entre essas personalidades estavam o governador do Estado, Eduardo Leite, o prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan, e o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no RS (OAB-RS), Ricardo Breier.

Também tomou posse na solenidade o novo vice-presidente e corregedor regional eleitoral, desembargador Arminio José Abreu Lima da Rosa.

BiografiaNatural de Porto Alegre, Villarinho se formou em Direito na PUCRS em dezembro de 1977 e ingressou no Ministério Público do Estado (MP-RS) em dezembro de 1978. Atuou nas comarcas de Tapera, Tapes, Guaporé, Livramento, Lajeado e Canoas, sendo transferido para Porto Alegre e posteriormente promovido a procurador de Justiça.

Villarinho também foi diretor da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe-RS) em duas ocasiões e integrou o Conselho Superior de Polícia como representante do MP. Ele foi eleito juiz substituto do TRE-RS em junho de 2018.

Antes de assumir a presidência da casa, Villarinho era o vice-presidente e corregedor do TRE-RS. Atualmente, ele também atua como presidente da 13ª Câmara Cível e do 7º Grupo Cível do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-RS).

"Não serão eleições comuns como até hoje se teve"Em entrevista concedida a GaúchaZH logo após a posse, Villarinho compartilhou seu entendimento sobre a possibilidade de adiamento das eleições deste ano e explicou como será o combate às notícias falsas no pleito:

Qual o principal desafio do senhor ao conduzir a Justiça Eleitoral gaúcha durante o próximo pleito?

O maior desafio que nós teremos, sem dúvida alguma, é realizar eleições agora em outubro ou novembro, dezembro, com essa situação toda da covid-19. Desde que foi declarada a necessidade de se evitar aglomerações e contatos físicos, o TRE, como os demais órgãos públicos e muitos privados, teve de fechar suas portas e começar a operar virtualmente, remotamente. Então, isso já foi uma grande modificação, mas muitas ainda estão por vir. Primeiro, em relação à data das eleições. Tudo indica que serão transferidas efetivamente para o final de novembro, início de dezembro. Não serão eleições comuns como até hoje se teve, onde as pessoas ficavam muito próximas, muito tempo nas filas, os idosos misturados com os mais jovens. Todas essas questões deverão ser agora objeto de medidas dos tribunais eleitorais junto ao TSE para evitar essas situações. Então, se começa a pensar na possibilidade de aumentar horários, fazer horário especial para os idosos. Enfim, o grande desafio que nós teremos será realizar eleições em condições que preservem a saúde do eleitor e também do mesário, que são as pessoas que vão trabalhar na eleição. Mas o Tribunal Regional Eleitoral, assim como o TSE, está se preparando para isso e eu penso que, em seguida, nós devemos ter uma posição do TSE com a posse do presidente Barroso na segunda-feira. Se a questão for acolhida pelo TSE e encaminhada, então, passará para o Congresso, onde já tem uma PEC em andamento, decidir se as eleições serão adiadas. Até mesmo se cogita o fracionamento das eleições. Não se realizar em um dia só. São questões que serão avaliadas nos próximos dias.

Qual o entendimento do senhor sobre o adiamento das eleições municipais deste ano em razão da pandemia de coronavírus? O senhor é favorável?

A vontade seria que tudo estivesse funcionando normalmente e que as eleições fossem realizadas em 4 de outubro, em primeiro turno, e depois, no dia 25, o segundo turno. Isso seria o ideal, mas, diante da covid e das dificuldades que a pandemia causou aos brasileiros, falando aqui no nosso caso, penso que haja necessidade, sim, de adiar as eleições por dois meses, realizá-las ainda neste ano para que não haja prorrogação de mandato.

O senhor acredita que esse eventual adiamento pode prejudicar o pleito?

Eu acho que já existem dificuldades. O pleito de algum modo está prejudicado, porque, na própria situação das prefeituras e das câmaras, as prefeituras em especial, que têm de estar se preocupando em criar defesas e proteção à sociedade. Mas esse prejuízo será sem dúvida atenuado com o adiamento. Se houver adiamento para o final de novembro, início de dezembro, a estimativa é de que o vírus já não esteja tão junto entre os brasileiros. Então, isso flexibiliza um pouco o atendimento ao eleitor, mas ainda assim eu acredito que deverá haver medidas de adaptação. Talvez até se mexa no horário das eleições, se crie horário para idoso votar e outras medidas que serão importantes. A questão da biometria talvez vá diferir um grande avanço. Talvez pela circunstância da covid, ela

possa ser dispensada. Então, todas essas questões vão ser decididas a partir de um posicionamento do TSE e depois, indo para o Congresso, se for o caso, mudar a Constituição.

Como será a atuação do TRE-RS no combate às notícias falsas durante o período eleitoral?

Essa preocupação já existe. A Justiça Eleitoral estabeleceu parcerias com diversos meios de comunicação, partidos e entidades civis para verificação de notícias. Bem como houve melhoria na legislação para frear a divulgação de fatos inverídicos. Ou seja, a Justiça Eleitoral trata como um dos meios eficientes de combate à desinformação, a transmissão da própria informação. Desinformação se combate com informação. Portanto, é importante que as entidades civis, os partidos e, principalmente, os meios de comunicação façam movimentos de esclarecimento e de orientação do eleitor, como a Justiça Eleitoral fará por meio de seus meios de divulgação, no sentido de conscientizar o eleitor sobre o perigo e os prejuízos das fake news. É uma questão cultural. Não é fácil, mas nós temos de infligir na consciência do eleitor essa cultura de que, ao receber uma notícia, ele simplesmente não compartilhe, como acontece muitas vezes. Às vezes, ele nem termina de ver o vídeo e já está repassando. Então, é isso que nós temos de mudar. Recebeu uma notícia estranha, eleitoral, contra um candidato ou criando qualidades em um outro candidato, qualidades essas que não eram conhecidas ou públicas e notórias? Que ele vá primeiro constatar a autenticidade da notícia. A fonte da informação. Isso é muito importante.

Qual a situação da regularização eleitoral dos gaúchos? A pandemia prejudicou esse processo?

Em relação à biometria, tem uma alteração muito importante. Já havíamos encerrado o processo em muitos municípios e alguns estavam justamente encerrando quando eclodiu a questão da covid. Isso interferiu diretamente no processo de cadastramento, de identificação do eleitor, porque o Tribunal Superior Eleitoral teve de desconsiderar, vamos dizer assim, e recuperar, se eu não me engano, no país, 2,5 milhões de eleitores que não haviam feito a biometria. A maioria não poderia votar. Muitos títulos já haviam sido cancelados. Então, eles teriam um prazo para regularizar, mas, com o advento da covid, o TSE decidiu que, como muitos municípios ainda teriam aquele prazo para comparecer nos cartórios eleitorais e fazer a atualização, e que isso seria praticamente inviável porque está proibida a presença física do eleitor, como ele vai chegar lá para fazer a identificação biométrica? Não pode. Então, o TSE, vamos dizer assim, decidiu não exigir mais a biometria, pelo menos agora, nesse período. Isso será certamente restabelecido a partir do ano que vem.

22/05/2020 | Jornal da Cidade (MS) | jornaldacidadeonline.com.br | Geral

Revolução russa e nazismo: mesmos patrocinadores, mesmo projeto

<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/20657/revolucao-russa-e-nazismo-mesmos-patrocinadores-mesmo-projeto>

O que haveria em comum entre alguns eventos históricos aparentemente tão distintos como a revolução russa e a ascensão do nazismo? Será que tais eventos teriam em comum apenas sua nefasta magnitude histórica?

Para que possamos responder a essa interrogação, e entender o que ocorre hoje em termos de geopolítica, penso que é importante irmos à raiz desses eventos. É preciso, creio, compreender as motivações que não aparecem nas narrativas oferecidas pelo establishment. Dito de outra forma, precisamos “rastrear o dinheiro”, identificar os “patrocinadores” desses eventos para que possamos, então, especular sobre suas obscuras motivações.

Antes disso quero apenas citar meu texto anterior publicado aqui no JCO, no qual adiantei um pouco o tema:

Assim, vejamos primeiramente aquela que é considerada a maior revolução socialista do século XX, a revolução russa (1917). Quanto a ela, existe uma desinformação comum tanto para a esquerda quanto para a direita, qual seja, a de que ela foi uma ação liderada pelas massas populares contra o regime monárquico russo. Todavia, os fatos refutam essa ideia e nos mostram a realidade.

E qual a realidade sobre a revolução russa?

Em primeiro lugar, cabe enfatizar que ela foi responsável, sim, por dezenas de milhões de mortes. No entanto, essas mortes não foram causadas por uma “ação das massas populares”, mas, sim, pelo planejamento de seus financiadores na Alemanha, na

Grã-Bretanha e nos USA.

Mas, e aqui alguém poderia perguntar: como isso começou? Onde jaz a raiz desse movimento que culminou na revolução de 1917?

Bom, isso começou ainda na guerra russo-japonesa (1904-1905), em que ambos os impérios disputaram territórios da China e da Manchúria. À época, um dos nomes mais influentes de Wall Street, Jacob Henry Schiff (1847-1920), presidente do mais importante banco multinacional de investimentos, Kuhn, Loeb and Company (1867-1977), com sede em Nova York, garantiu fundos para o governo japonês que, com os recursos assegurados por Schiff, venceu a guerra contra os russos.

Schiff inclusive recebeu, em 1905, a condecoração da Ordem do Tesouro da Felicidade Sagrada, em virtude de seu apoio essencial à vitória japonesa. Fez parte de seus esforços inclusive buscar o apoio da família Rothschild (sim, a mesma família que, como expus no texto anterior, fomentou o surgimento e alastramento da ordem dos Illuminati na Europa no século XVIII, uma ordem – inicialmente denominada ‘Bund der Perfektibilisten’, “União dos perfectibilistas”, e posteriormente ‘Ordem dos Illuminati’, fundada em maio de 1776 - liderada por Adam Weishaupt [1748-1830], o qual fomentou o desenvolvimento de ideias socialistas, o fim das religiões e das soberanias nacionais, bem como estimulou a revolução francesa).

Não apenas isso, desde o início a ordem teve uma forte influência na condução da “mão invisível” do mercado, “sistematicamente controlando e expandindo os negócios e as transações financeiras”, “virtualmente exercendo uma dominação mundial” (conforme lemos em “The conspiracy of the invisible hand: anonymous market mechanisms and dark powers”, 2008, disponível no ‘Zurich Open Repository and Archive’ da Universidade de Zurich).

Não obstante, voltando ao século XX, segundo artigo de Gary Dean (“Financing a Foreign War: Jacob H. Schiff and Japan”, 1972), em abril de 1904 Schiff escreveu ao Lorde Rothschild pedindo que os “Rothschild e outros banqueiros judeus na Europa ativamente tentassem impedir a Rússia de conseguir empréstimos para a guerra”.

A estratégia foi muito bem sucedida e a família Rothschild deu um passo importante em suas pretensões econômicas e geopolíticas, concernentes especialmente à Rússia e ao avanço de algumas ideias já presentes no século XVIII, especialmente aquelas advogadas por Weishaupt e sua ordem, ideias que hoje seriam consideradas “socialistas”. Assim, por detrás dessas ideias havia algo ainda mais tenebroso, a saber, o propósito de instituir uma ‘nova ordem mundial’, cujas características já encontramos na ordem fundada em 1776 por Weishaupt, “coincidentemente” a pedido da família Rothschild.

Mas que tem isso a ver com a revolução russa? Pois bem. O ponto é que nesse período da guerra russo-japonesa muitos soldados russos foram feitos prisioneiros. Além disso, fora da Rússia havia muitas “forças” hostis ao Tsar Nikolái Aliexándrovich Románov.

Essas “forças” investiram em propaganda marxista contra o regime do monarca russo (inclusive entre os prisioneiros russos da guerra russo-japonesa). Muitos revolucionários russos foram, inclusive, treinados nos USA. A partir desse ponto começou, na Rússia, uma campanha de doutrinação contra o regime de Románov. E assim cresceu a insatisfação contra o regime russo, a qual culminaria na revolução de 1917.

Mas muita coisa aconteceu antes que ela fosse consumada. Por exemplo, um dos mais conhecidos revolucionários russos, Leon Trotsky (1879-1940), esteve por um tempo em Nova York, sendo sua estadia custeada por um rico anfitrião (alguns sugerem que foi Jacob Henry Schiff). O fato é que por meses Trotsky permaneceu nos USA, onde ele escrevia textos socialistas para serem publicados na Rússia. Ele mesmo comenta em sua autobiografia, “Minha vida” (1930), especialmente no capítulo 22 (intitulado ‘New York’), que uma limusine com chofer ficava ao seu dispor, cortesia de um tal “Doctor M”.

Vejam: um revolucionário socialista anticapitalista desfrutando dos prazeres de uma sociedade capitalista. E isso às expensas de um capitalista. Bom, mas hoje isso não nos causa surpresa. Quanto mais no topo da hierarquia, tanto mais um revolucionário socialista desfruta das benesses do capitalismo e da luxúria. Isso faz parte de suas biografias.

Mas logo após a revolução, ainda em 1917, Jacob Henry Schiff descreveu a revolução russa como “aquilo pelo qual esperávamos e pelo qual nos esforçamos ao longo desses anos” (The New York Times, 24 de março de 1917).

Décadas depois (em 1949) o neto de Jacob Henry Schiff, John, disse que seu avô teria “dado” 20 milhões de dólares para a vitória da

revolução bolchevique na Rússia em 1917.

Obviamente, não se tratava de uma “doação”, mas de um “investimento” visando negócios lucrativos que ocorreram desde então com magnatas de Wall Street. Aliás, não apenas Trotsky tinha fortes ligações com Wall Street, mas ele teve um apoio político fundamental: “O presidente Woodrow Wilson foi a fada madrinha que providenciou um passaporte para que Trotsky pudesse retornar à Rússia e ‘levar adiante’ a revolução” (Antony Sutton em “Wall Street and the Bolshevik Revolution”, 1974).

Mas o suporte de Wall Street à revolução socialista fica claro em um cartoon de valor histórico incalculável, publicado em 1911 no célebre jornal fundado por Joseph Pulitzer (o prêmio ‘Pulitzer’ é em sua homenagem), ‘St. Louis Dispatch’, no qual Karl Marx, com um livro intitulado “socialismo” sob o braço, é cercado por vários “admiradores”, dentre os quais se destacam John D. Rockefeller, J.P. Morgan, John D. Ryan (do National City Bank), George W. Perkins, Andrew Carnegie e Theodore Roosevelt (líder do partido Democrata e presidente dos USA de 1933 a 1945). O cartoon foi desenhado por Robert Minor, o qual era patrocinado por Wall Street e havia sido preso na Rússia por “atividades revolucionárias” contra o Tsar.

Como dizem, “uma imagem vale mais do que mil palavras”. E o cartoon sintetiza muito daquilo que hoje lemos em livros bem documentados, como o citado acima (do Professor Antony Sutton) e “The Creature from Jekyll Island” (1994), de G. Edward Griffin.

Por mais paradoxal que possa parecer, os sujeitos mais ricos do planeta, pelo menos desde o século XVIII, nunca foram tão “capitalistas” assim. Isso fica claro em 1883 quando, ao perceberem que a competição lhes era prejudicial, os Rockefeller e os Rothschild (que eram então os barões do petróleo e dos bancos, sendo, ainda, as famílias mais ricas do mundo) decidiram evitar a competição. Foi nesse contexto que John D. Rockefeller (que aparece no citado cartoon reverenciando Karl Marx) teria dito: “a competição é um pecado”. Ou seja, a competição, núcleo de uma economia de mercado, da liberdade e da prosperidade mesmas, sempre foi condenada pela elite financeira mundial.

Assim, a mesma elite que contribuiu para a revolução (‘socialista’) bolchevique na Rússia posteriormente investiu pesadamente na eleição de Theodore Roosevelt (que também consta no cartoon acima citado, praticamente se curvando diante de Karl Marx), o qual presidiu os USA de 1933 a 1945 (e levou a efeito o ‘socialismo’ em seu plano “New Deal”).

Mas nesse período essa mesma elite subsidiou outro evento de impacto mundial: o movimento nazista na Alemanha (nacional ‘socialismo’). Isso está bem documentado em outro livro do Professor Antony Sutton, “Wall Street and the rise of Hitler” (1976). Nesse livro, baseado em documentos e diversos testemunhos, o Professor Sutton esclarece o papel que diversos grupos e indivíduos tiveram na ascensão de Hitler.

Nesse grupo temos, não poderia faltar, a família Rockefeller, bem como J.P. Morgan, T.W. Lamont (banqueiro ligado a J.P. Morgan), General Electric Company (fundada por Thomas Edison), Standard Oil (família Rockefeller), National City Bank, Chase and Manhattan Banks, Kuhn, Loeb and Company, General Motors, Ford Company, Prescott Bush (à época a serviço do Brown Brothers Harriman – base nos USA do industrial Fritz Thyssen, o qual financiou Hitler), etc. Alguns deles, aliás, foram também fomentadores da revolução russa. Todos notórios membros da elite financeira de Wall Street.

Portanto, o que temos é uma elite financeira apoiando, vejam, projetos de jaez socialista e totalitários, isto é, totalmente contrários à ideia de liberdade (inclusive econômica).

Mas qual a razão para que os indivíduos mais ricos do mundo patrocinem movimentos socialistas? Será que se trata de uma preocupação com a justiça social? Realmente, duvido que esse seja o caso.

Em primeiro lugar, se esse fosse o caso eles não investiriam no socialismo, mas em uma economia de mercado, a qual foi responsável pela prosperidade econômica dos últimos séculos. Em segundo lugar, eles viram tanto na revolução bolchevique quanto na ascensão do nazismo uma grande oportunidade de aumentarem sua incalculável riqueza, ainda que ao custo de milhões de vidas (e da liberdade mesma).

No entanto, creio que possa existir, além do lucro exacerbado, algo mais pernicioso por detrás de suas intenções, e esse “algo” parece remontar, pelo menos, ao século XVIII. Sim, estou falando da ideia de uma ‘nova ordem mundial’.

Em seus estudos o Professor Sutton foca especialmente no fato de que tanto a revolução bolchevique quanto a 2ª. guerra mundial foram incalculavelmente rentáveis para seus apoiadores de Wall Street. Nesse sentido, ela foi meticulosamente articulada pela elite econômica, não se tratando de algo que simplesmente ocorreu de forma espontânea. Não obstante, a questão é: se tratava unicamente de obter lucro ou haveria algo mais ... algo que segue sendo um projeto dessa mesma elite pelos menos desde o século XVIII?

Os acontecimentos recentes parecem não deixar dúvidas quanto a isso: estamos cada vez mais adentrando em uma espécie de “admirável mundo novo”, uma distopia conhecida como ‘nova ordem mundial’, na qual vige a falta de liberdade e um governo cada vez mais “globalizado”, centralizado precisamente na “elite financeira global”, a qual tem resolutamente combatido, lamentavelmente com sucesso, as soberanias nacionais, a liberdade e os valores morais assentados pela tradição judaico cristã.

Carlos Adriano Ferraz. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio doutoral na State University of New York (SUNY). Foi Professor Visitante na Universidade Harvard (2010). Atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no qual orienta dissertações e teses com foco em ética, filosofia política e filosofia do direito. Também é membro do movimento Docentes pela Liberdade (DPL), sendo atualmente Diretor do DPL/RS).

22/05/2020 | **Jornal do Comércio** | jornaldocomercio.com | Geral

Multinacionais doam EPIs a hospitais do RS e de outros três estados

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/galeria_de_imagens/2020/05/740199-multinacionais-doam-epis-a-hospitais-do-rs-e-de-outros-tres-estados.html

Hospitais e instituições relacionadas à saúde no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo receberam doações de 600 mil máscaras de proteção e 83 mil aventais hospitalares. A ação é uma parceria entre as multinacionais Braskem, Fitesa, Lojas Renner, Coca-Cola FEMSA e Coca-Cola Brasil. A Braskem doou resinas termoplásticas, transformadas pela Fitesa em não-tecido, os quais foram entregues à Renner para o desenvolvimento dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual). A Coca-Cola FEMSA foi responsável pela logística e entrega dos itens. No Rio Grande do Sul, foram contemplados os hospitais São Lucas da PUCRS, o Hospital de Clínicas e Conceição, além das Secretarias da Saúde de Porto Alegre e Pelotas e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

FOTO CESAR LOPES/AGÊNCIA PREVIEW/DIVULGAÇÃO/JC

22/05/2020 - 17h22min

22/05/2020 | **Jornal do Comércio** | jornaldocomercio.com | Geral

Educação A distância

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/olha_so/2020/05/739726-caminhos-virtuais.html

IVAN MATTOS

A professora de História da Arte Tânia Bian aproveitou o período de confinamento para colocar em prática a ideia do EaD, Ensino a Distância, que sempre foi uma vontade sua. Além das aulas presenciais, Tânia sempre quis expandir seus horizontes e levar seus cursos a quem não podia estar presente nas aulas regulares ministradas na Pucrs. Com o apoio da LED Filmes, o primeiro lote de aulas já está no ar e disponível para aquisição pelo site www.taniabiancursos.com.br.

22/05/2020 | **Matinal** | matinaljornalismo.com.br | Geral

Entrevista | Parêntese Aparecida Villaça: Uma antropóloga na Biologia

<https://matinal.news/aparecida-villaca-uma-antropologa-na-biologia/>

Conheci a Aparecida Villaça primeiro por escrito, no belíssimo livro *Paletó e eu - Memórias de meu pai indígena* (Todavia, que foi resenhado em número anterior da Parêntese). Me entusiasmei com o belo texto, que contava de uma belíssima experiência: uma antropóloga que lidava, por escrito, com a morte de um indígena, esse com o peculiar apelido de Paletó (ela explica no livro, claro), que ao morrer a levou a um luto significativo, de um parente, não de sangue mas da vida. Foi Paletó uma figura central para o trabalho a Aparecida faz em Rondônia desde 1986, com a etnia Wari'. Foto: Paletó, acervo pessoal

O relato do livro é encantador, não pelo lado da teoria ou do relato antropológico, mundo que conheço apenas como amador, mas pelo lado humano mesmo, marcado aqui por essa diferença cultural entre a autora e seu avô indígena. Como é ter um avô assim? Como foi conhecê-lo? Como ele se portou ao vir para o litoral, para o Rio de Janeiro, cidade da Aparecida? Tudo isso é matéria-prima bem trabalhada no texto, num relato limpo, com emoção contida e muita sabedoria.

Depois, fui convidado pela organização da Feira do Livro do ano passado para estar numa mesa com a Aparecida. Com muito gosto lá fui eu, fazer perguntas a ela de forma que seu livro ganhasse mais leitores, como merece. Desde então tive a intenção de entrevistá-la, o que acabei fazendo por whatsapp, em alguns dias do último abril.

Aparecida Villaça é antropóloga e professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. É autora de diversos livros, dentre os quais *Quem somos nós. Os Wari' encontram os Brancos* (Editora UFRJ, 2006), *Preying and Praying. Christianity in Indigenous Amazonia* (University of California Press, 2016), *Comendo como gente. Formas do canibalismo wari'* (Mauad X, 2017) e *Paletó e eu. Memórias do meu pai indígena* (Todavia, 2018), este último vencedor do prêmio Casa de Las Américas, 2020.

P - Tu sempre quiseste ser antropóloga? Como foi teu caminho?

Aparecida Villaça - Em que momento aparece a antropologia no meu horizonte? Aparece muito tardiamente, mas ao mesmo tempo eu tenho uma certa questão familiar que poderá ter me levado a isso. Minha família materna veio do Maranhão, minha mãe é nascida lá, e minha família paterna é de Minas Gerais. Eu tive contato muito íntimo com meus avô maternos que migraram para o Rio de Janeiro. O meu avô materno, Manuel Neiva Moreira, foi criado num sítio no interior do Maranhão. Então as histórias, as imagens dele de infância, que ele partilhava com a gente, com os netos, eram muito de sítio, de plantação, de mato. E a minha avó materna, também do Maranhão, criada na cidade, sempre teve um amor muito grande pelo meio não urbano. Ambos gostavam muito de mato. Além disso, cresci em Volta Redonda até os nove anos, porque meu pai trabalhava na Companhia Siderúrgica Nacional, como engenheiro. Eu estudava em um colégio de freiras, e tudo o que eu tinha de não-urbano ali perto era uma florestinha de eucalipto em que a gente brincava. Mas nada além, a gente não acampava, nada disso. Depois a gente se mudou para o Rio de Janeiro e eu me encantei por biologia na escola. Na verdade antes a minha ideia era fazer Letras, eu queria escrever, gostava de fazer poemas, contos, ganhava concursos na escola. E lia muito, sempre gostei muito de ler. Era em outro colégio de freiras, só de meninas. Mas no ensino médio, que na época era o clássico-científico, eu fui estudar no Santo Inácio, um colégio misto. Eu tinha muito orgulho, porque finalmente ia poder conviver em igualdade, com meninos e meninas. Fui fazer o Clássico, por causa das Letras. E eu odiei, não gostei das pessoas. Achei as meninas metidas, parecia que a turma mais burguesa, aristocrática, não me dei bem com a turma. Aí eu comecei a estudar Biologia. Tinha um professor que dava aula no clássico e também no científico, pro pessoal que ia ou para Medicina, ou para Engenharia. E eu me encantei muito pelas aulas dele, e aí resolvi mudar para o científico, estudar Biologia por causa desse professor. Cursei biologia na UFRJ, e fiz a minha formação em ecologia, ecologia vegetal.

P - E como aparece a ideia da antropologia?

Aparecida - O caminho é longo. Trabalhei como bióloga muito tempo na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente, e depois virou INEA [Instituto Estadual do Ambiente]. No início eu trabalhava numa sede para botânica e ecologia vegetal. A gente trabalhava com a demarcação dos parques aqui no estado do Rio, viajava muito, acampava muito, ia e ficava um tempo, com excursão na floresta. Eu gostei muito dessa experiência de estar na floresta, andando no mato por dias e dias. E fiquei na FEEMA

muito tempo até que eu comecei a fazer um curso de Antropologia. Eu dava aula na PUC aqui do Rio de Biogeografia e Ecologia, e na sala ao lado da minha dava aula o José Carlos de Souza Rodrigues, um antropólogo. A gente se encontrava sempre no corredor e ficava conversando nos intervalos. Na época eu estava fazendo um trabalho na praia do Aventureiro, uma reserva biológica. Me dediquei a fazer um estudo do povo do Aventureiro, que vivia ali, para garantir a manutenção deles ali. Então eu estava com um projeto que já era de antropologia, com genealogias, histórias de vida e tudo, mas sem ser antropóloga, sem ter nenhum tipo de leitura, até que o Zé Carlos Rodrigues falou: "por que você não vai fazer meu curso, na UFRJ, de Introdução à Antropologia? Você pode ter mais ferramentas para fazer esse seu trabalho".

P - Em que ano ocorreu esta virada, o primeiro curso de Antropologia com o Rodrigues? Tu tinhas quantos anos?

Aparecida - 1983, eu tinha 25 anos. Então fiz o curso e ao final ele perguntou: "por que você não faz a prova para o mestrado no Museu, porque aí você vai ter mais ferramentas ainda?" Fiz, passei, e meu intuito era seguir estudando o povo do Aventureiro, um povo de pescadores. Até que eu fiz uma aula do Eduardo Viveiros de Castro sobre a Amazônia, povos indígenas, mais especificamente sobre as Mitológicas, do Lévi-Strauss, e eu fiquei absolutamente fascinada, e decidi que era aquilo que eu queria fazer, que eu ia entrar nesse caminho, queria ser antropóloga. Na continuidade das coisas eu pedi demissão da FEEMA e fiz mestrado e doutorado.

P - Que fantasias te ocorreram, quando jovem, quando tu pensaste em antropologia de campo? Era pra "botar a barraca no meio da aldeia", como sugeria o Malinowski? Tinha algum medo, alguma limitação, no sentido prático? Isso conflitou com a hipótese de casamento, filhos e tal?

Aparecida - A questão de ficar dias e dias no mato não era um problema pra mim. A questão para mim foi financeira, porque eu tinha esse emprego, com um bom salário na época, eu alugava um apartamento, morava sozinha. Quando eu fui começar o mestrado em antropologia, morava em Santa Teresa, pagava minhas contas. Então a questão de mudar de profissão não foi simples por causa do emprego e da minha forma de me sustentar. Quando eu fiz o mestrado, inicialmente pedi uma licença sem vencimentos na FEEMA e tinha uma bolsa. Comecei a me sustentar com a bolsa, dividindo meu apartamento com uma amiga. Mas mantive meu emprego para voltar. Depois do meu trabalho de campo, do mestrado, quando eu estava escrevendo a tese, eu voltei pra FEEMA. E comecei o doutorado. Quando fazia os cursos eu conseguia liberação uma parte do dia, mas continuei a trabalhar. Só quando eu tive que fazer o trabalho de campo mesmo, do doutorado, já era um outro momento da minha vida. Já estava com meu filho Francisco, o mais velho, pequeninho, um ano mais ou menos. Foi uma decisão muito, muito difícil. Eu casada, meu ex-marido é fotógrafo, e ele também com uma renda muito incerta para a gente se manter. Então foi uma decisão que envolveu uma conversa com os meus pais, a possibilidade de, se a gente ficasse sem dinheiro, ter uma ajuda em algum momento. E com o Francisco pequeninho eu passei toda primeira parte do trabalho de campo muito contente. Quer dizer, ir para o mato, morar com os Wari'. Uma boa experiência, muito divertida. Lá, tinha uma espécie de posto indígena dentro da aldeia. Primeiro morei na casa da professora, depois morei num barracão. No início tinha até um banheiro fora da casa. Depois fiquei sem, mas nada disso me afetava, não era uma coisa complicada para mim, de jeito nenhum. Complicado para mim foi como eu ia me sustentar, isso sim. Fazendo o doutorado eu tinha que ficar grandes períodos em campo e tive que pedir demissão. Uma decisão muito importante pra mim. Demissão de serviço público? As pessoas falavam: "você é maluca, você tem estabilidade!". Mas eu estava muito envolvida, eu tinha certeza que eu ia por esse caminho. Da primeira vez eu fiquei três meses no campo, e o pai dele foi nos encontrar no mês final. Tive muito mais trabalho cuidando do meu filho do que cuidando de mim. Era tudo o dobro. A minha preocupação de ter sempre comida, preocupação com o bem-estar dele, os mosquitos, a malária. Era muito cuidado, muita atenção. Felizmente deu tudo certo, ele ficou saudável, foi um sucesso, acho que pra todos, para mim, em relação aos Wari', e pra eles, que ficaram muito felizes de eu levar o meu filho. Pro Francisco, foi uma experiência muito marcante. Depois eu levei o meu outro filho, o André, que nasceu sete anos depois.

P - Tendo feito Biologia e depois Antropologia, como foi tua a conversa com os antropólogos típicos, que vinham de ciências sociais? Que diferenças tem, na prática, vir da Biologia, um estudo orientado para um tipo de empiria e de conhecimento, de discurso científico positivo, e chegar nesse mundo das ciências humanas, das ciências do texto?

Aparecida - Realmente a forma de pensar de um biólogo e é bem diferente da de um antropólogo. Metodologia, olhar mesmo. Eu como bióloga trabalhava com floresta, eu caminhava pela floresta, identificava espécies, coletava espécies de vegetais para levar para o herbário. Para delimitar um parque, a gente tinha que ter várias espécies importantes, vegetais; a gente tinha que fazer um mapeamento da flora para justificar a transformação daquela área em área de preservação. Então eu só tinha contato com gente local como os mateiros, que nos levavam, apontavam as espécies. Mas não era um contato de convivência muito grande. Acampava junto

e tal, mas não era uma convivência intensa. E depois, na Antropologia, na verdade a gente aprende pela vivência. Não adianta só fazer pergunta, tem que viver junto. O meu olhar passou a ser para as pessoas. Quando eu comecei a trabalhar na Amazônia mesmo, como antropóloga, foi fazer um certo esforço para não olhar muito para a floresta, para a vegetação. Eu não prestava atenção. Era como se eu tivesse mesmo que mudar de um assunto para outro. E depois tive que correr atrás desse prejuízo porque, para analisar mitos como eu fiz, e para entender do que eles estavam falando sobre determinados animais e plantas, eu precisei identificar muitos deles. Depois eu fiz um grande trabalho para tentar identificar algumas espécies de plantas e de animais também. Quando eu analisava mitos, por exemplo, precisava entender por que era determinada espécie animal que aparecia nesse momento do mito. Eu identificava o passarinho, e entendia depois as características morfológicas e de habitat para poder entender por que ele estava no mito. Então eu acabei fazendo um trabalho em que a biologia foi importante para mim.

Mas eu acho que a maior diferença que eu senti quando eu entrei para estudar Antropologia, nas aulas, é que eu estava acostumada com aulas menos discursivas e mais objetivas, mais cheias de dados. Para mim isso foi uma percepção de estranheza. Eu tive que também estudar mais e ler muito mais, porque eu estava atrasada, as pessoas vinham das ciências humanas, e havia muitas leituras que eu não tinha feito. Tive que correr. Mas eu trabalhei com a antropologia tendo sempre um pouco da minha formação como bióloga. Então, enquanto alguns colegas, para analisar mito, coletam duas, três versões dele, eu coletava vinte, achava que tinha que ter amostras e coletava vinte. Fazia comparações enormes, com tabelas de comparação, que eu acho que foram úteis. Foi bom. Eu gosto de fazer isso no meu trabalho, uma coisa meticulosa, um trabalho meio de laboratório. A minha estranheza era mais na questão de método, de olhar para as pessoas. Foi disso que me encantei. A coisa da Antropologia que é de fato o maior encanto é justamente conhecer outras pessoas, conhecer outras vidas, outras histórias, de conviver intimamente, de fazer família. Essa foi a coisa mais linda que entrou na minha vida com a Antropologia.

P - Quais foram teus interlocutores importantes, tanto professores como colegas? Qual é a tua geração na Antropologia? Que horizontes se abriam para vocês?

Aparecida - Eu entrei no Museu [Nacional, que é a instituição que abriga o curso de Antropologia da UFRJ] em 1984, no mestrado. Os professores eram nomes muito sólidos na área: Gilberto Velho, Otávio Velho, Roberto DaMatta, Ligia Sigaud, Moacir Palmeira, José Sérgio Leite Lopes. Era uma equipe e tanto. Teve o Rubem César [Fernandes], que foi quem deu pra mim Teoria Antropológica I e II, meu primeiro contato com a teoria da Antropologia. Embora os anos 80 não fossem tempo de muita abundância de financiamento de pesquisas e de estudos, tudo tinha uma dimensão menor. No nosso programa de pós-graduação entravam menos alunos, o que permitia que todo mundo tivesse bolsa.

Na época, o Eduardo Viveiros de Castro já era professor do Museu, mas estava terminando o doutorado dele. Foi logo quando eu entrei, e ele estava formando uma equipe de alunos para trabalhar, para fazer campo em diversas partes da Amazônia. Era uma coisa fervilhante de ideias, de pensamentos. Eu e meus colegas, Carlos Fausto, Tânia Stolze Lima, Marcio Ferreira da Silva, Neila Soares, Marco Antônio Gonçalves são alguns que vêm à mente agora. A gente se reunia, tinha um curso que o Eduardo dava só sobre as Mitológicas, do Lévi-Strauss, na casa dele. A gente estava fazendo um projeto para a FINEP, que financiou muito tempo projetos coletivos do Museu. Este se chamava "Etnografia e modelos analíticos", só para pesquisa na Amazônia. O Eduardo era o coordenador do projeto, e cada um escolheu seu grupo para trabalhar.

Eu escolhi os Wari' por influência do Márcio Silva, que tinha feito uma breve viagem para lá como linguista e tinha me falado muito bem deles. Eu fiquei encantada, porque ele disse que era um povo muito tranquilo, muito sorridente, e eu queria paz na vida, para fazer uma pesquisa entre pessoas que fossem tranquilas e divertidas. A gente recebeu treinamento em linguística com a Yonne Leite, para abrir o ouvido e saber transcrever o que a gente ouvia na língua indígena. Foi um momento muito fervilhante, de muita conversa, que tinha de fato uma equipe, coordenada pelo Eduardo, trabalhando muito entrosada.

Todos nós viramos muito amigos entre nós, íamos para o campo mais ou menos no mesmo período. Saiu o financiamento da FINEP, então ela bancava nossa pesquisa de campo. A gente tinha condições boas para nos dedicarmos totalmente à pós-graduação, importante para gente, fundamental. A gente agarrou essa chance porque sabia que era incrível poder se dedicar só para isso.

Até a primeira década deste novo século, eu já como professora (entrei em 96), estávamos com bolsas financiando nossos alunos todos. Depois começou a ter cortes, cortes e cortes. Até a situação gravíssima que estamos vivendo hoje, com um visível desprezo pela ciência, particularmente pelas ciências humanas. Estamos em um momento de crise, não da produção, mas do financiamento e consequentemente da produção. Porque é preciso enviar os alunos para o campo. Fazer um campo na Amazônia tem um custo. Mas

nos anos 80 e 90 não tive isso. Estava tendo todo um florescimento dessas pesquisas na Amazônia, e o Museu virou um centro importante de formação de pesquisadores e de professores que depois ocuparam outras universidades, do Brasil todo, federais e estaduais.

Mas ainda falando de meus interlocutores: na época eram os meus professores, basicamente. Um importante para mim foi o Roberto DaMatta. Ele e o Gilberto Velho foram grandes professores, no sentido de interlocução. E o Eduardo que era realmente o meu principal interlocutor, meu orientador de mestrado e doutorado. Era (e é) com quem eu discutia todas as minhas ideias. Todas. A gente partilhava a pesquisa. Toda essa pesquisa que eu fiz foi partilhada com o Eduardo e orientada por ele. Tinham também os meus colegas. Com esses meus colegas a gente também conversava muito, partilhava as ideias. O Carlos Fausto também foi um interlocutor fundamental, sempre leu as minhas coisas, deu palpite e sugestões. O Marcio Silva, a Tânia Stolze Lima, o Marcos Antônio Gonçalves. Nessa mesma época (eu ainda estudante), outros professores vinham dar aula no Museu, às vezes uma palestra. Eu conheci Manuela Carneiro da Cunha. Teve um congresso, em Belém, onde eu conheci pessoas que se tornaram inspirações muito importantes para o meu trabalho: Bruce Albert, Patrick Menget (em Belém) e aqueles que conheci logo depois: Anne-Christine Taylor, Philippe Descola e, em Cambridge, Stephen Hugh-Jones. Todos eu conheci nessa época. Depois outras interlocuções foram constituídas. Principalmente em Cambridge, que foi o lugar onde eu fiz o meu pós-doutorado em 2004. Voltei lá duas vezes como professora visitante. Na França também, que é um centro de americanistas muito importante no mundo. Mais recentemente tenho uma interlocução com os Estados Unidos, fui professora em Stanford.

P - Em que ano nasceu o Francisco? Sobre a tua preocupação de "sempre ter comida" para ele: alguma vez não teve? E pra ti, alguma vez houve fome? Como é enfrentar um jejum forçado na floresta?

Aparecida - O Francisco nasceu em 1990, em novembro. Eu tinha feito o início de pesquisa de campo em janeiro e fevereiro de 90. Aí voltei para fazer créditos e fiquei grávida. Sobre a questão da comida: não que eu tenha passado fome séria nos Wari'. Eu não passei fome a sério. Eu sempre levava arroz, lentilha. Às vezes eu ficava com fome de não ter nenhum peixe, nenhuma caça. Então eu ficava dias e dias comendo arroz. Chegava um ponto em que não podia gastar todo ele, então eu tinha um certo controle. Muitas vezes as pessoas iam na minha casa e comiam também. Então tinha um certo controle da quantidade, e eu sentia alguma fome. Às vezes aparecia alguma caça. Eu ganhava um pedaço e isso ajudava. Ficava dois ou três dias comendo aquele pedaço. Não tive aquela fome aguda, mas eu sempre tinha uma certa fome, uma fome meio crônica, e uma insegurança. Porque às vezes não tinha peixe, então a gente comia, por exemplo, pamonha. E com o Francisco eu ficava muito preocupada em ter comida sempre, eu estava sempre batalhando por comida, sabe? Sozinha, eu ia na casa de alguém quando eu via chegar uma caça, igual às outras pessoas. Fica todo mundo olhando a caça: as mulheres, as crianças. Os homens não vão, mas ficam meio em volta, como quem não quer nada. Até que o caçador dá um pedacinho para cada um. Eu comecei a fazer isso, quando sabia. Quando alguém tinha peixe, eu muitas vezes trocava por alguma coisa, às vezes anzóis. Tudo que eu podia para garantir comida para o Francisco, que ficou bem saudável, em termos de comida. Mas ele teve infecção urinária, muita diarreia, coisas que me preocuparam muito, mas comeu bem.

P - Tu falaste um pouco da escolha dos Wari', que tinha já um depoimento de um linguista. Como foi chegar lá, fisicamente? Não lembro se tem isso no teu livro do Paletó, tem? E tu te lembras do primeiro impacto da chegada? Tu chegando como quem vai morar um tempo lá...

Aparecida - Foi em setembro, outubro de 86. Eu tive que deixar o meu apartamento. Na época eu tinha um namorado que também deixei, mas continuei namorando. Depois ele virou o pai do meu filho mais velho. Deixei tudo e saí cheia de malas para morar na Amazônia. Era uma mudança de vida, uma coisa impactante. Outro lugar e tudo. Cheguei lá e tive uma experiência muito ruim com Porto Velho, que na época me pareceu uma cidade de oeste de filme americano, com ruas de terra. Eu cheguei, meio à noite, fiquei um pouco assustada e pensei: se a capital é assim, imagina o resto. Uma noite complicada para eu dormir pensando nisso.

Mas no dia seguinte mudou. Na época ainda tinha avião para Guajará (agora não tem mais). E tinha uma antropóloga, a Beth Conklin - que depois virou muito minha amiga e minha comadre - ela é madrinha do Francisco e eu sou madrinha do Alan, filho dela -, ela tinha uma casa em Guajará e eu já estava fazendo pesquisa com os Wari'. Fiz contato com ela por carta. Cheguei de avião e fui para a casa dela. O melhor lugar que eu poderia chegar! Uma casinha, de madeira, muito simples, num bairro muito simples. Mas com rede, ar hippie, que combinava comigo. Eu e a Beth, a gente imediatamente se conectou, a gente se entendeu. Então foi muito bom. Ela foi comigo na minha primeira viagem, porque trabalhava numa aldeia rio abaixo. Era a duas horas de diferença da minha. Fomos no mesmo barco. Ela parou na aldeia dela, deixou as coisas e foi comigo. Me acompanhou, foi super-generosa. Ela conhecia algumas pessoas na minha aldeia, Rio Negro Ocaia.

Eu queria ir para aldeia mais longe, escolhi a aldeia mais distante. Porque eu queria uma aldeia mais preservada, eu tinha essa ideia. A gente percorreu a aldeia e ela me apresentou para várias pessoas. Eu não falava nada, evidentemente. E foi uma ronda. À noite nós dormimos na casa da professora, uma casa de alvenaria que tinha banheiro do lado de fora. Um lugar bem confortável, onde eu vivi depois por alguns meses.

No dia seguinte a Beth foi embora, então eu tive uma sensação de aperto no coração, de repente olhar para os lados e me sentir muito sozinha. Ainda tinha a professora lá e um chefe de posto também, não-indígena. Senti aquela sensação de: meu deus, agora é comigo, agora eu estou aqui. Eu não falava a língua. Então comecei a andar devagarinho pelas casas. Me apresentava, dizia que estava lá para aprender a língua. Era, de fato, o que eu queria: antes de tudo aprender a língua para trabalhar na língua nativa. Foi aquela sensação de ver, aquela coisa daquele relato do Malinowski, quando ele chega no campo: de repente você vê o barquinho indo embora, ficando longe, e você fica lá no lugar.

Mas os Wari' sempre foram muito gentis comigo, se aproximaram de mim com muita gentileza, e simpáticos, rindo, fazendo brincadeiras. Eu muito jovem, com toda a disposição para esse desconhecido, para as questões materiais. Dormir em esteira no chão, tudo isso não me incomodava em nada na época. Então era bem divertido. Claro, no começo me sentia muito sozinha de não poder partilhar, de não poder conversar muito. Mas eu me divertia com aquela novidade. Era incrível, e eu estava com muita vontade de trabalhar, de aprender os nomes, aprender a língua. Eu estava com muita energia, então foi assim a minha chegada.

P - Sobre a língua: a língua Wari' já estava descrita? O aprendizado da língua: tu chegaste a ficar fluente na língua, de poder conversar com quem não falava o português? Aparecida - A língua não tinha sido descrita naquele momento. Mais tarde - dez anos depois -, saiu uma gramática da língua Wari' feita por dois missionários que trabalham com os Wari'. Mas aí eu já tinha tido um outro tipo de iniciação na língua. Eu fui treinada para aprender a ouvir os sons, os fonemas, diferenciar os fonemas um do outro, e saber grafar aquele fonema. Então eu conseguia ouvir e escrever o que eu ouvia. Os missionários da Missão Novas Tribos no Brasil que já viviam lá há muito tempo - inclusive havia missionários quando eu cheguei -, eles tinham cartilhas, que usavam para dar aulas de alfabetização na escola, mas eu nunca tive acesso a elas. Nunca disponibilizaram. Eles tinham também um pequeno dicionário, mas não davam acesso a ele.

Eu aprendi como uma criança. Ele repetia e eu apontava. Tinha alguns rapazes lá, um desses é o Abrão, que veio a se tornar meu irmão - filho do Paletó -, que falava um português razoável na época, e que me ajudava muito nas traduções [entre o português e o Wari']. Às vezes as pessoas falavam alguma coisa, eu gravava. Muitas vezes eu gravava o que as pessoas falavam e ia com o Abrão ouvindo cada pedacinho, e ele me falando em português. Até que chegou o momento em que eu sabia mais. Então eu gravava e a gente transcrevia, escrevia as palavras em Wari' e não traduzia. Ou traduzia depois. Mas eu tinha que estar com tudo escrito. A gravação foi muito importante.

Eu anotava tudo, sempre andei com um caderninho. Eu não fazia meu diário de campo como muitas pessoas fazem, à noite. Tudo que eu ouvia, escrevia. Eles até se acostumaram a me ver anotando, anotando, anotando. Mesmo quando estavam falando. Até chegar um ponto em falavam comigo e eu não anotava mais. Então eles falavam: "Mas você não está gostando do que a gente está conversando?", faziam brincadeira. É claro que tinha horas que eu estava deitada relaxando, catando piolho, e não estava escrevendo, mas muitas vezes eu estava com o caderninho. Aprendi como falava "como é seu nome?" e escrevia. Aprendia como falava "estou com fome", "cheguei", "estou indo embora", e tudo isso eu escrevia. Depois, com aquele caderno na mão de novo, eu chegava numa casa e me aplicava. Lia e falava: "como é seu nome?". Então as pessoas aos pouquinhos iam vendo o quanto eu ia sabendo, ia aprendendo. Começavam a falar comigo mais um pouco.

Eles sempre ficavam avaliando o quanto eu sabia, o quanto eu estava entendendo. Mas eu sempre trabalhei só em Wari', eu nunca trabalhei em português. A não ser com os tradutores que me ajudavam, o Abrão principalmente. Mas sempre conversei em Wari' com eles, mesmo meu Wari' era precário. Mesmo que eu gravasse e fosse entender depois e voltasse àquela pessoa para perguntar alguma coisa. E até hoje, quando tem muito mais gente que fala muito bem português, os mais jovens, ninguém fala comigo em português, mesmo no telefone. Eles me ligam (os jovens que hoje falam muito português) e, quando falam comigo, falam Wari'. Então eles entenderam que a minha chave era essa: falar Wari'. Até os mais velhos, no começo, quando um algum rapaz ou moça ia falar em português comigo, falavam: "não, não, não, ela só pode falar Wari'". Foto: diário foto acervo pessoal

P - Conta alguma coisa da língua. Eles tinham um vocabulário muito especializado para determinada coisa, ao contrário do português, por exemplo?

Aparecida - Não é uma língua tonal, no sentido que faz diferença falar muDAR e MUdar [então as diferenças]. É que as línguas tonais são muito, muito complicadas de aprender. Ao menos para mim, que não tenho um ouvido bom para os sons. Depois de três meses conseguia me comunicar. Não era fluente, de jeito nenhum, mas eu conseguia falar em Wari' o que eu estava querendo. Entendia pelo menos o tema do que eles estavam falando. Depois com o tempo, outras temporadas lá, eu voltava e cada vez ficava mais fluente, com mais facilidade de compreender. Mas cada vez que eu chego lá eu demoro mais ou menos uma semana para engatar de novo. Porque para mim é essencialmente uma língua oral. Tenho que ouvir. Nunca fiz um curso, com gramática e tal. Eu li parte da gramática, mas quando tive acesso a ela eu já falava. Então hoje podem falar livremente que eu entendo. Posso ouvir uma narrativa de um velho e entendo.

É uma língua relativamente fácil para um falante de português pronunciado, do meu ponto de vista. Uma língua com as complexidades das línguas como são, né, com seus tempos verbais, seus pronomes, verbos, advérbios, masculinos, femininos, plural, singular. Eu fui aprendendo. Tem a questão da numeração. Isso foi uma coisa que só foi me chamar atenção recentemente - o fato de os Wari' não terem números, não terem palavras para números. É uma coisa comum entre vários grupos amazônicos, mas eu não sabia. Os Wari' só têm um termo para "sozinho" e para "par". Depois não tem mais nenhum termo. Quer dizer: tem "pouco" e "muito". Mas não tem termos para os números, o que é uma questão interessante. Eu tenho estudado e pensado sobre esse assunto.

P - E a última é tu como professora: como tem sido isso? Como é ser orientadora em antropologia? Tu acompanhaste a construção da teoria do perspectivismo ameríndio? Agora, imagino que vocês estejam vivendo na antropologia amazônica um outro momento.

Aparecida - Eu orientei muitos alunos de mestrado e doutorado e continuo a orientar. Eu gosto muito de dar aula, da minha relação com os alunos, desse contato direto, da conversa, de conhecê-los mais, de introduzi-los nesse mundo da Amazônia. A gente não vai para campo com eles. A gente prepara com os textos e com as dicas de falar da minha experiência de como foi o campo e tudo. E eles seguem, vão para campo. E quando conseguem uma comunicação - um e-mail, um telefone -, geralmente eles telefonam. Às vezes quando se está com um problema, especialmente um problema político, eles ligam. Um aluno meu que estava sendo perseguido, no Pará, com medo de madeireiros, precisava tomar uma decisão. Como deve fazer? Se permanece, para onde vai? Segurança e tudo isso. Então a gente acaba envolvido em várias questões, não só as questões acadêmicas, intelectuais, mas questões também pessoais. E depois tem a escrita da tese, sempre um parto muito intenso, muito difícil, um processo bem duro, que a gente tem que acompanhar.

Sobre essa questão do perspectivismo, eu fui parte do nascimento disso com o Eduardo Viveiros de Castro. A Tânia tinha acabado de defender a tese dela de doutorado, acho que em 1995 ela e eu em 1996. E a Tânia levantava na tese essa questão de que o que a gente estava vendo ali, nessas sociedades, não era propriamente relativismo. Tinha alguma coisa um pouco diferente, que tinha a ver com uma certa... Não tinha o universalismo que acompanhava o nosso relativismo. Não tinha essa ideia de um mundo único. O Eduardo, essa era uma questão em que ele estava pensando também. Então começou uma discussão sobre, afinal, o que a gente tinha ali.

Eu tinha já minha tese de mestrado pronta e estava escrevendo minha tese de doutorado nessa época, Eduardo me orientando também, a gente conversava muito. A minha tese de mestrado e doutorado também ajudaram na composição dessa conversa sobre o que era aquilo que estava acontecendo, que virou o perspectivismo. Então teve uma reunião que Eduardo nos chamou - eu e Tânia - para conversarmos, e a proposta dele era que a gente escrevesse um paper, um artigo sobre isso, juntos. Eu disse que não ia ter condições de parar a escrita da tese porque eu já estava no meu sexto ano. Era o último ano e eu não poderia parar. Isso foi em 1996 - ano em que foi publicado o perspectivismo.

Tânia e ele decidiram que os dois iriam escrever artigos independentes. Os dois publicaram juntos, no mesmo número da revista Mana, em 1996, o Eduardo fazendo uma teoria mais geral do perspectivismo e a Tânia mais centrada nos Juruna, com quem ela trabalhava. No artigo de 96 Eduardo fala da importância do trabalho da Tânia e do meu trabalho com os Wari' para essa configuração da ideia que já vinha sendo parte das reflexões dele também.

P - A referência para a tua geração ainda era, sei lá, Lévi-Strauss, por exemplo. Talvez ele fosse o cara mais significativo. Hoje é

Lévi-Strauss e perspectivismo ameríndio. Como é que é isso, de ser orientadora nesse novo mundo?

Aparecida - Sim, o Levi Strauss foi e é, para mim, até hoje, a principal inspiração. Quando tem alguma questão nova, quando devo escrever sobre ela ou quero pensar, meu primeiro autor é o Lévi-Strauss. Eu sempre encontro alguma coisa na obra dele que me inspira muito. Agora, por exemplo, com essa coisa do coronavírus e os índios: eu encontro no Antropologia Estrutural II um artigo do Lévi-Strauss um capítulo chamado "A arte em 1985", onde ele vai falar da colonização viral, que é a que captura, que pega a identidade do hospedeiro, em relação com o processo colonizador do ocidente. Então é sempre muito inspirador para mim. Continua sendo uma referência muito importante para os meus alunos.

E o perspectivismo? Desde que surge, em 1996, ele vira uma referência inescapável, no sentido de que não é possível falar da Amazônia sem ter em mente o perspectivismo ou sem considerar e discutir com o perspectivismo. Virou uma teoria, um conceito que tem gerado reflexões em diversas outras áreas etnográficas, como a Melanésia (Oceania), a Ásia no geral, América do Norte. Tem sido um conceito muito produtivo, e coloca a etnologia amazônica no centro da antropologia mundial. De uma forma que talvez não tenha acontecido antes.

A obra de Lévi-Strauss, As Mitológicas, traz também a antropologia amazônica e das Américas para o centro do debate. Mas o perspectivismo vem como se fosse um conceito condensado, uma ideia brilhante que revela toda outra ontologia, absolutamente distinta da nossa, do nosso naturalismo. E oposta, de algum modo, que permite uma visão de um mundo completamente diferente, de fato. Quando surge o perspectivismo estava tendo um reavivamento da noção de animismo, e o perspectivismo é um correlato, é uma complexificação da noção de animismo. Já estava havendo uma discussão do Philipe Descola com o Eduardo Viveiros de Castro sobre essa questão do animismo. O perspectivismo sai de uma discussão que já estava acontecendo, e com trabalhos etnográficos dos orientandos do Eduardo e dele mesmo, com os Araweté, que é toda a relação entre os deuses e os humanos, uma relação totalmente condizente com o perspectivismo, assim como entre os Wari' é a relação entre humanos e animais, também claramente perspectivista. Então evidentemente que meus alunos leem sobre isso, pensam sobre isso. Mas tem outros autores importantes. E principalmente para questão de mudança social, que é um tema que eu comecei a trabalhar desde o doutorado e trabalho até hoje. Marshall Sahlins foi um autor crucial para mim, suas obras sobre mudança social, transformações, vários trabalhos mais históricos. E depois para mim e para os meus alunos também, já que muitos trabalharam com a cristianização de indígenas. Na questão da cristianização, uma referência central foi Joel Robbins, professor de Cambridge. Outra referência importante, no Museu como um todo e para etnologia, é a Marilyn Strathern, também de Cambridge. Também Roy Wagner, que escreveu a Invenção da Cultura e vários outros livros, se tornou uma referência muito importante para gente no sentido de trabalho mesmo. E vários outros americanistas, claro, como: Stephen Hugh-Jones, a Manuela Carneiro da Cunha, Joanna Overing, Peter Gall.

Este texto faz parte da edição 14 da revista Parêntese, publicada em 29 de fevereiro de 2020. Acessar edição completa

A revista digital Parêntese é enviada todos os sábados aos assinantes premium do Matinal Jornalismo.

Para receber a próxima edição, assine o Matinal. Assim você apoia o jornalismo de Porto Alegre e recebe todos os nossos produtos. Assinar o Matinal Apoie o jornalismo de Porto Alegre Share on facebook Share on twitter Share on whatsapp Share on linkedin A Parêntese é uma revista digital em forma de newsletter que apresenta reportagens, artigos e análise de fatos da política, da economia, da sociedade e da cultura, difundindo as boas práticas da produção cultural, científica, tecnológica, sustentável e inovadora, com originalidade, exclusividade e uma linguagem contemporânea. Últimos textos da Parêntese Aparecida Villaça: Uma antropóloga na Biologia Preocupação com coronavírus reacende debate sobre o uso da orla do Guaíba Planta Baja: Luvas de Ângela Sairaf Pablito: Fala que eu desenho, Mayara Claudia Laitano: Ressignificação José Falero: Branco é a vó Editorial 26: O combo da desgraça Gabriela Luft: ENEM pra quem? "Você que lute!" Eduardo Nasi: Pedra e Céu Ricardo Lísias: Diários da catástrofe brasileira Carlos Mosmann: A crível história das negras da Feitoria do Linho Cânhamo Zara Gerhardt: Dois meses de quarentena: o depoimento que não dei à polícia

© Matinal Jornalismo 2019.

22/05/2020 | Matinal | matinaljornalismo.com.br | Geral

Roger Lerina: recomendações da semana

Débora Soares Karpowicz. Foto: Luis Ferreirah/Divulgação

LIVRO

Ciganos – História, Identidade e Cultura | Débora Soares Karpowicz

A pesquisadora Débora Soares Karpowicz escolheu o dia 24 de maio (domingo), data em que se comemora em todo o mundo, o dia de Santa Sara Kali, padroeira do povo cigano, para lançar o livro de estreia, Ciganos – História, Identidade e Cultura. A obra analisa em que medida a longa tradição cultural cigana e sua condição de povo nômade, ágrafo e excluído social e politicamente de várias formas, em diversos continentes e há séculos, se preserva na vida cotidiana de quatro grupos de ciganos estabelecidos em localidades diferentes do Rio Grande do Sul, a partir do início deste século.

O lançamento ocorrerá de forma virtual por meio de um live, que contará com a participação de Débora – que é doutora em história pela PUCRS – e será mediada pela jornalista e produtora cultural Silvia Abreu. O evento será transmitido nas redes sociais do projeto no Instagram e no Facebook.

Segundo Débora, desde o século 16 os ciganos são discriminados, perseguidos pela polícia e por grande parte da população: “Eles lutam para garantir sua identidade, por pertencimento, para manterem-se e para serem ciganos”.

CINEMA

Filme Sobre um Bom Fim | Boca Migotto

Foto: Epifania Filmes/Divulgação

Filme Sobre um Bom Fim, documentário de longa-metragem rodado por Boca Migotto a partir de entrevistas com pessoas que viveram os anos dourados do bairro porto-alegrense Bom Fim, pode ser conferido agora no YouTube. Região tradicional da Capital, reduto de um movimento cultural e comportamental no fim dos anos 1970 e início dos 1980 – que culminou no surgimento do rock gaúcho, além de experimentações na televisão e nas artes dramáticas –, o Bom Fim foi epicentro de uma transição que deu voz à juventude de então, com muita vontade de dizer a que veio.

Filme Sobre um Bom Fim se utiliza, sobretudo, da memória afetiva de quem andava pelo bairro: do pessoal que discutia política seriamente entre uma cerveja e outra; dos cineastas que por lá exibiram seus primeiros filmes; dos artistas de teatro que experimentavam linguagens sem receio da vanguarda; dos músicos hoje consagrados, que relembram os primeiros shows para plateias pequenas, porém entusiasmadas; e dos frequentadores que viam o bairro como ponto de encontro obrigatório.

PODCAST

Histórias de Viamão

Foto: Spotify/Divulgação

Olha só que bacana esta iniciativa: já está no ar o quarto episódio da série 200 Anos da Viagem de Saint-Hilaire ao Sul do Brasil e Uruguai, no canal de podcast Histórias de Viamão. Produzida por Vitor Ortiz – ex-secretário de cultura de Porto Alegre, São Leopoldo e Viamão –, a série conta com trilha sonora de Éverton Ferreira e Bebeto Alves.

Neste novo capítulo, o naturalista francês depara com um contexto de pobreza ao ser hospedado em uma palhoça de pesca às margens do rio Tramandaí, sofrendo com os frios das noites de minuano naquele distante junho de 1820. Saint-Hilaire tenta explicar a condição de mais uma leva de índios prisioneiros da Batalha de Taquembó, que vê passar em direção a Torres.

Escute o podcast no Spotify, Cast Box ou Soundcloud.

22/05/2020 | Portal Fator Brasil | revistafatorbrasil.com.br | Geral

Huawei Brasil anuncia novo CEO

http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=393068

Novo CEO da operação brasileira da líder mundial em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), Sun Baocheng está no Brasil há seis anos.

A Huawei Brasil anuncia nesta semana um novo executivo como CEO da empresa. Sun Baocheng, que está no Brasil há seis anos, atuava como presidente do Carrier Business Group no país desde 2017. Formado em automação, Sun Baocheng está na Huawei desde 2005 - iniciou sua carreira na empresa na China, atuando como gerente geral e diretor de filiais em todo o país.

Ele substitui Yao Wei, que foi CEO da Huawei Brasil desde 2016. Yao Wei realizou grandes feitos em sua gestão: nesse período, a companhia implantou a primeira rede 4.5G no Brasil e lançou centenas de redes corporativas. Wei ainda trouxe a tecnologia de nuvem e as áreas de consumo e serviços da Huawei para o Brasil, tornando a companhia uma marca cada vez mais reconhecida no País.

A Huawei opera em quatro grupos de negócios no Brasil: Redes de Operadoras; Redes Corporativas; Nuvem e Inteligência Artificial; e Consumo. A área de Redes de Operadoras está presente na vida de 2/3 da população brasileira e suporta mais de 600 clientes, de empresas a governos. Há 22 anos no País e liderando a transformação digital, a Huawei cresce com e para o Brasil, em um compromisso de longo prazo com o desenvolvimento.

Presente no País desde a implementação do 2G até o 4.5G, a Huawei tem cinco filiais nacionais – em São Paulo, Rio, Brasília, Recife e Curitiba, atuando conjuntamente com governos, empresas e instituições de ensino. Por meio de seus equipamentos e soluções, a Huawei também implementa mudanças na vida dos brasileiros com programas educacionais como Seeds for the Future e o ICT Competition. Em outro exemplo, o programa Fábrica de Talentos, uma parceria com o Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel) já capacitou mais de 300 alunos em diversas áreas de TIC.

O pioneirismo da empresa também é contatado em tecnologias emergentes, como IoT, Big Data, AI, VR, que têm ajudado na transformação digital brasileira. Exemplos disso são suas várias soluções de Smart Cities, como o Smart City Innovation Center, um hub de pesquisa e desenvolvimento de soluções relacionadas a cidades inteligentes e Internet das Coisas (IoT) – uma parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Live no dia 22 de maio (sexta-feira), às 10 horas — Parceira da transformação digital brasileira há 22 anos, a Huawei participará de um evento promovido pela Aliança Conecta Brasil F4: www.aliancaf4.com.br.

O novo CEO da operação brasileira participará do evento e terá a participação do presidente da Oi, Rodrigo Abreu; do presidente da Anatel, Leonardo Euler de Moraes; e do presidente executivo da Aliança Conecta Brasil F4, Daniel Vilela.

Enviar Imprimir

22/05/2020 | Portal G1 | g1.com.br | Geral

Estudo canadense aponta que mulheres veganas apresentaram mais resistência física que carnívoras

<https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2020/05/22/estudo-canadense-aponta-que-mulheres-vegan-as-pesquisadoras-nao-sabem-ao-certo-porque-as-vegan-as-tiveram-melhor-desempenho-fisico-mas-acreditam-que-pode-estar-relacionado-com-baixo-consumo-de-gordura-e-alto-consumo-de-carboidratos-onivoros-x-veganos-mais-carboidratos-menos-gordura-ue-carnivoras.gh.html>

Viva Você. Pesquisadoras não sabem ao certo porque as veganas tiveram melhor desempenho físico, mas acreditam que pode estar relacionado com baixo consumo de gordura e alto consumo de carboidratos. Onívoros x veganos. Mais carboidratos, menos gordura

1 de 1 Veganos x carnívoros: quem tem maior resistência física? Estudo conclui que são os veganos. - Foto: Pexels

Veganos x carnívoros: quem tem maior resistência física? Estudo conclui que são os veganos. - Foto: Pexels

Um estudo da Universidade de Quebec, no Canadá, contraria a antiga ideia de que quem não come carne - ou nenhuma proteína animal, como veganos - é mais fraco e têm menos resistência física que os onívoros (que se alimentam de vegetais e animais).

Intitulado "Uma dieta vegana prejudica a resistência e a força muscular?", o estudo, publicado em abril no "European Journal of Clinical Nutrition", observou que participantes que tinham uma alimentação vegana há no mínimo dois anos apresentaram melhor condicionamento físico e maior resistência para atividades aeróbicas que os que comiam carne a vida toda.

"Os resultados sugerem que uma dieta vegana não é prejudicial à resistência e força muscular em mulheres jovens, magras e saudáveis", conclui o estudo, que analisou 56 mulheres por dois anos.

"De fato, nosso estudo mostrou que a resistência máxima pode ser melhor em veganos em comparação com onívoros. Portanto, esses achados contradizem a crença popular da população em geral", informa o texto da pesquisa. Todas as participantes do estudo eram saudáveis - ou seja, não analisa se a diferença na alimentação pode impactar pessoas com problemas de saúde.

A dieta vegana exclui carne e qualquer alimento de origem animal, como ovo, leite e derivados. A diferença entre veganos e vegetarianos é que os últimos, que também não se alimentam de carne, consomem produtos de origem animal, como leite e derivados.

Onívoros x veganos

Os pesquisadores analisaram por dois anos 56 mulheres jovens, magras, saudáveis e fisicamente ativas. Metade do grupo seguiu uma dieta vegana e a outra metade uma dieta onívora, em que comiam carne por pelo menos três vezes na semana.

Como o estudo analisou apenas mulheres jovens, ativas e saudáveis, ainda não está claro como uma dieta vegana pode afetar a resistência em outros grupos. Para isso, são necessárias mais pesquisas. No entanto, é uma evidência promissora de que é possível ter um alto desempenho em atividades aeróbicas mantendo uma dieta vegana.

Como se manter saudável com uma dieta vegana

Ao longo do estudo, os dois grupos passaram por provas de medição de força muscular e de resistência física, como ter que pedalar até a exaustão em bicicletas ergométricas.

Apesar do grupo vegano ser um pouco mais velho que o onívoro, as veganas conseguiram pedalar por mais tempo até ficarem exaustas. Ou seja, apresentaram maior resistência aeróbica.

O grupo vegano, contudo, apresentou menor força física na parte superior do corpo, na região peitoral, em comparação com o onívoro, mas nada significativo.

Mais carboidratos, menos gordura

Os pesquisadores não sabem explicar exatamente por que as mulheres veganas apresentaram mais resistência, mas eles acreditam que possa ter relação com o alto consumo de carboidratos e baixo consumo de gordura. Como pesquisas anteriores já indicaram, o consumo de carboidratos favorece a energia aos músculos.

Dieta vegetariana reduz risco de doenças do coração, mas aumenta risco de derrame, indica estudo

Outra diferença na dieta desses dois grupos que pode ajudar a entender a questão está relacionada com os baixos níveis de estresse oxidativo e inflamação decorrentes da alimentação vegana. Pessoas que consomem produtos de origem animal, por outro lado, estão mais expostas a inflamação e envelhecimento.

Chef mostra receita de feijoada vegana feita para Shania Twain MULHERES NA PANDEMIA

Como a pandemia de coronavírus impacta de maneira mais severa a vida das mulheres em todo o mundo

Quem são as brasileiras que sequenciaram o genoma do novo coronavírus

Violência física e sexual contra mulheres aumenta durante isolamento social provocado pelo coronavírus

Sororidade na pandemia de coronavírus: mulheres se unem para ajudar as que estão mais vulneráveis

Coronavírus: Por que países liderados por mulheres se destacam no combate à pandemia?

Filas e incerteza: mulheres que criam filhos sozinhas esperam pelo auxílio-emergencial durante pandemia

Pesquisadoras da PUCRS criam cartilha de combate à violência doméstica durante pandemia

Relatos de briga de casais aumentam 431% desde o início do isolamento provocado pelo coronavírus, diz estudo

Mulheres e indígenas estão entre os mais socialmente afetados pela Covid-19 na América Latina, diz relatório

Covid-19 impõe 'carga mais pesada' à rotina de mães cientistas, apontam brasileiras em carta na Science

22/05/2020 | Portal Press | revistapress.com.br | Geral

PUCRS e Hospital Restinga e Extremo-Sul se aliam para beneficiar saúde na capital

<http://revistapress.com.br/jornal-da-capital/ppucrs-e-hospital-restinga-e-extremo-sul-se-aliam-para-beneficiar-saude-na-capital/>

Foto: Marcelo Amaral

Para ampliar os atendimentos de baixa e média complexidade na área da saúde em Porto Alegre, a PUCRS e o Hospital Restinga e Extremo-Sul (HRES) firmaram uma parceria. O convênio visa desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão, com estudos e serviços técnicos de forma integrada. O complexo hospitalar será um ambiente de integração de futuros profissionais dos programas

de residências médicas e multiprofissional e das pós-graduações, além de estudantes de graduação e pesquisadores de diversas áreas da saúde da Universidade.

"Vamos contribuir ainda mais para a saúde da população da cidade por meio dessa atuação da nossa comunidade acadêmica. Essa parceria vai ao encontro da importância da diversificação das atividades práticas na área da saúde, pois contribui, em muito, para a formação de novos profissionais", destaca o pró-reitor de Graduação e Educação Continuada da PUCRS, Ir. Manuir Mentges.

Segundo o diretor técnico do HRES, Carlos Casartelli, a união com a PUCRS é de extrema importância e qualificará, ainda mais, o atendimento aos usuários do hospital. "Temos a convicção que a aproximação dos alunos e pós-graduandos da Universidade com a comunidade da Restinga e Extremo-Sul será enriquecedora e transformadora na sua experiência como indivíduos e profissionais. A comunidade ganha, a Universidade ganha, o hospital ganha, mas, principalmente, a comunidade será a principal beneficiada com esta parceria", ressalta.

Primeiras atividades no complexo hospitalar - De forma imediata, vão ocorrer as atividades práticas de alunos da graduação, com supervisão de professores, e de pós-graduação no setor de internação e emergência pediátrica do Hospital. "Futuramente, poderemos atuar em outras áreas de atenção à saúde. O HRES possui um moderno conceito nesta área, considerando o nível de complexidade de atenção em que atua", complementa a decana associada da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS, Marion Creutzberg.

Atualmente, são mais de cinco mil estudantes e profissionais da saúde em formação das escolas de Medicina e de Ciências da Vida e da Saúde da PUCRS. Nessa iniciativa, na pós-graduação, serão acadêmicos em Residência Médica, Práticas Médicas Hospitalares e Residência Multiprofissional e Uniprofissional. Na graduação estarão presentes estudantes de onze cursos: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Gastronomia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia. "É a primeira vez que alunos da graduação da Medicina atuam neste Hospital no formato proposto", frisa Marion.

Sobre o Hospital Restinga e Extremo-Sul -É um complexo hospitalar que conta com cinco grandes unidades: Unidade de Pronto Atendimento, Centro de Especialidades, Unidade de Diagnóstico, Hospital e Escola de Gestão em Saúde. O Hospital conta com centro cirúrgico, com quatro salas de cirurgia (Unidades de Internação adulto e pediátrica e de Terapia Intensiva Adulta). São 111 leitos de internação distribuídos em: 87 leitos para pacientes adultos clínicos e quatro cirúrgicos, 10 leitos para pacientes clínicos pediátricos e 10 leitos de UTI. Além destes, estão disponíveis outros 48 leitos de passagem/observação, totalizando 159 leitos à disposição da comunidade.

22/05/2020 | Revista Amanhã | amanha.com.br | Geral

Braskem, Coca-Cola Femsa, Coca-Cola Brasil, Fitesa e Renner se unem para ação conjunta em prol de instituições de saúde

<https://amanha.com.br/empresa/braskem-coca-cola-femsa-coca-cola-brasil-fitesa-e-renner-se-unem-para-acao-conjunta-em-prol-de-instituicoes-de-saude>

No Rio Grande do Sul, serão contemplados os hospitais de Clínicas, São Lucas da PUC e Nossa Senhora Conceição, além da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, UFRGS e a Secretaria de Saúde de Pelotas. O hospital beneficiado em Santa Catarina será o Santa Isabel, em Blumenau

Hospitais e instituições ligadas à saúde de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e de São Paulo começam, esta semana, a receber as doações de 600 mil máscaras de proteção e 83 mil aventais hospitalares viabilizadas a partir de uma parceria entre Braskem, Fitesa, Lojas Renner, Coca-Cola Femsa e Coca-Cola Brasil.

A iniciativa foi possível a partir da união das cinco empresas. A Braskem fez a doação de resinas termoplásticas, transformadas pela Fitesa em tecido e entregues para a Renner desenvolver os modelos de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) seguindo as orientações técnicas vigentes e as necessidades das instituições de saúde. A fabricação ficou a cargo de indústrias de confecção da rede de fornecedores da Renner, que adaptaram seu processo produtivo para atender à demanda. A Coca-Cola Femsa ficou responsável pela logística e entrega dos EPI's.

As máscaras cirúrgicas e os aventais serão destinados a quatro Estados diferentes. No Rio de Janeiro, a entrega será realizada diretamente para a Secretaria Estadual da Saúde. Em São Paulo, a doação será feita para Sociedade Beneficente Israelita Brasileira. No Rio Grande do Sul, serão contemplados os hospitais de Clínicas, São Lucas da PUC e Nossa Senhora Conceição, além da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, UFRGS e a Secretaria de Saúde de Pelotas. O hospital beneficiado em Santa Catarina será o Santa Isabel, em Blumenau.

As empresas também possuem outras iniciativas para contribuir no combate à pandemia. A Braskem vai doar 120 toneladas de resina termoplástica para produzir mais de 60 milhões de máscaras ou mais de 1 milhão de aventais. A Fitesa é a parceira da Braskem no Brasil para transformar a matéria-prima em nãotecido. Já a Lojas Renner vem desenvolvendo uma série de ações de responsabilidade social, somando um investimento de R\$ 5,6 milhões. Através do Instituto Lojas Renner, a varejista mobilizou uma rede de colaboração para doar, no total, 1,3 milhão de unidades de EPI's para instituições de saúde em diferentes regiões, além de destinar máscaras de tecido e mantimentos a comunidades em situação de vulnerabilidade.

Veja mais notícias sobre EmpresaCoronavírusSanta CatarinaRio Grande do Sul.

22/05/2020 | Simers | simers.org.br | Geral

?Vitória: liminar da Justiça suspende a execução do convênio entre Prefeitura e PUCRS para transferência do setor Materno-Infantil

<http://www.simers.org.br/noticia/vitoria-liminar-da-justica-suspende-a-execuco-do-convenio-entre-prefeitura-e-pucrs-para-transferencia-do-setor-materno-infantil>

22/05/2020

Hospital da PUCRS está impedido de transferir setor Materno-Infantil

A sociedade gaúcha conquistou mais uma importante vitória na luta pela manutenção do setor Materno-Infantil do Hospital São Lucas da PUCRS (HSL). Em decisão divulgada nesta sexta-feira (22), a 3ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Porto Alegre, atendendo a pedido formulado pelo Ministério Público do Estado (MP-RS) em Ação Civil Pública movida com subsídios fornecidos pelo Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), deferiu medida liminar que suspende a execução do contrato que prevê a transferência do setor Materno-Infantil da PUCRS para o Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV) até que haja uma manifestação do Conselho Municipal de Saúde sobre o tema.

A decisão foi tomada pela juíza Andreia Terre do Amaral, com base na ação de autoria do Ministério Público Estadual contra o Município de Porto Alegre, o HSL e a União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA) - mantenedora da PUCRS. A transferência, acordada pela Prefeitura - gestora do HMIPV - e pela direção da universidade, foi anunciada em abril passado.

A juíza considerou, em sua decisão, que não foram observadas formalidades legais na assinatura do convênio da Prefeitura com a PUCRS. A ação do Ministério Público se baseou em apontamentos do Simers sobre os prejuízos aos usuários do atendimento de saúde decorrentes da transferência.

Para o presidente do Simers, Marcelo Matias, a decisão do Tribunal de Justiça comprova toda a ação da entidade médica desde o anúncio da intenção de transferência do Setor Materno-Infantil da PUCRS para o HMIPV. "O Simers comemora a decisão da Justiça porque ela possibilita a participação da população, que será diretamente atingida pela decisão e traz transparência ao processo, algo que faltou até agora", afirmou.

Entenda o caso

No início de março, o Simers e outras entidades médicas tomaram conhecimento da intenção de transferência. Preocupado com a situação das crianças em atendimento na unidade e dos estudantes de Medicina da PUCRS, que utilizam o setor para seu aprendizado, o Simers criou a campanha "SIM Materno-Infantil". Para a entidade, o fechamento do setor, além de desamparar pacientes, também será prejudicial a médicos, professores, residentes e alunos.

Em abril, a Prefeitura e a PUCRS anunciaram o convênio de transferência. Na ocasião, o Simers considerou que houve "falta de transparência" no processo e voltou a acionar o Ministério Público.

No mesmo mês, o Simers foi impedido de realizar vistoria no HSL e no HMIPV, mesmo com a solicitação da promotora Liliane Dreyer Pastoriz.

O MP ingressou, ainda em abril, na Vara da Fazenda Pública, com a ação civil pública solicitando a suspensão do acordo de transferência do serviço da unidade da PUCRS para o Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV). No dia 28, consentiu expressamente com o ingresso do Simers como assistente na ação.

Segmento: Outras Universidades

22/05/2020 | ABERJE | aberje.com.br | Geral

Renault Experience revela a equipe campeã da edição 2019-2020 da categoria Twizy Contest

<http://www.aberje.com.br/renault-experience-revela-a-equipe-campea-da-edicao-2019-2020-da-categoria-twizy-contest/>

Na última quarta-feira 20 de maio, ocorreu a final da categoria Twizy Contest do programa Renault Experience. A campeã foi a equipe Farm Twizy, da Universidade Feevale que desenvolveu uma solução de mobilidade agrícola para agilizar a gestão rural no campo para pequenos agricultores utilizando o Renault Twizy. A Renault é associada da Aberje.

A equipe é formada pelos alunos Vinicius Wilbert (Design), Gustavo Siebel e Niklaus Lauxen (Engenharia Eletrônica), Elienai Josias Dutra (Engenharia Mecânica) e Paulo Cesar Junior (Engenharia de Produção). "Só tenho a agradecer por toda experiência que o Programa Renault Experience nos proporcionou. Chegamos até a jornada através do time vencedor do ano passado, a Orni Twiy, que divulgou o programa dentro da Feevale e a partir disso montamos uma equipe engajada e com muita vontade de empreender. Refinamos a nossa ideia e o apoio dos mentores de dentro da Renault e da Haze mudaram nossa maneira de ver os processos de um projeto, mudaram a nossa vida, aprendemos muito sobre coisas que a gente não tinha conhecimento e isso não tem preço", afirma Niklaus Lauxen, integrante da equipe Farm Twizy.

O tema desta edição do desafio foi: "Como tornar a vida das pessoas melhores nas cidades ou no campo com um veículo elétrico?". Os participantes precisavam desenvolver uma startup que solucionasse este problema utilizando a POM (Plataform Open Mind) plataforma automotiva de código aberto para o Twizy. Também chegaram até a final as equipes Direito na Rua, da Faculdade Armando Alvares Penteado (Faap), e a Telegnosys da Universidade Tecnológica Federal (Utfpr) de Pato Branco. "Estou muito feliz com o resultado desta edição. As equipes trouxeram projetos de alto nível. O Twizy Contest é uma grande iniciativa que permite a troca de conhecimentos entre o mercado e o ambiente acadêmico, contribuindo para o desenvolvimento de projetos e tecnologias", afirma Antonio Fleischmann, vice-presidente de Engenharia da Renault para a América Latina.

O programa teve início em novembro de 2019 e recebeu a inscrição de 460 estudantes divididos em 183 equipes. A edição contou com participantes de 132 instituições de ensino em 16 estados e 54 cidades, além de envolver estudantes de 42 cursos diferentes. A

primeira avaliação selecionou dez projetos, dos quais foram selecionados os três projetos finalistas. Entre fevereiro e maio, as equipes receberam mentorias para incrementar os projetos. Os finalistas apresentaram esta semana, para uma banca avaliadora, a evolução de cada um dos negócios.

A equipe Farm Twizy agora passará por um processo de aceleração do projeto e terá a oportunidade de apresentar a solução que desenvolveram para a equipe de engenharia da Renault na França e competir com projetos de outros países durante um evento on-line programado para dezembro de 2020, adaptado para este formato em decorrência do coronavírus. Na edição de 2019 da competição, realizada no Technocentre em Paris, a campeã foi a equipe brasileira OrniTwizy, também formada por alunos da universidade Feevale, de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul. O projeto traz uma solução de mobilidade para portadores de dificuldades motoras utilizando o Renault Twizy.

FINALISTAS - Os outros dois projetos finalistas da edição 2019-2020 do Renault Experience foram:

Direito na Rua - Faculdade Armando Alvares Penteado (Faap)

Solução: levar acesso a informações públicas para comunidades vulneráveis utilizando o Twizy, que consegue trafegar por ruas mais estreitas e locais inacessíveis para grandes veículos.

Alunos: Ana Teodoro, Bianca Miyahara, Taiana Fontes Vitti (Direito) e Bryan Miyahara (Engenharia Mecânica).

Telegnosys - Universidade Tecnológica do Paraná (Utfpr) - Pato Branco

Solução: diagnóstico preditivo por meio de inteligência artificial, prevendo a falha de algum componente mecânico ou eletrônico utilizando os dados no barramento de comunicação do veículo.

Alunos: Diogo Freitas (Engenharia de Software), Henrique Costa (Engenheiro Industrial) e Jônatas Lemos (Engenheiro Mecânico).

22/05/2020 | ACI NH | acinh.com.br | Geral

Universidade Feevale prossegue com projetos sociais durante a pandemia

<http://www.acinh.com.br/noticia/universidade-feevale-prossegue-com-projetos-sociais-durante-a-pandemia>

Estudantes e professores produzem vídeos, podcasts, tutoriais e materiais didáticos

O isolamento social, medida necessária para conter a transmissão do coronavírus, resultou em mudanças no trabalho, no aprendizado e no relacionamento entre as pessoas. Esse momento tem sido desafiador para a Universidade Feevale, mas a Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão (Proppex) reinventou suas ações junto à comunidade, mantendo os projetos sociais em um formato diferente.

Os estudantes e professores vêm produzindo diversos materiais em plataforma digital, como vídeos, podcasts, tutoriais e outros materiais didáticos. Além disso, estão sendo realizadas ações de assistência em comunidades em situação de vulnerabilidade social. "A equipe está empenhada para que as atividades sigam ocorrendo da melhor maneira possível, buscando o engajamento da comunidade e reiterando o compromisso da Instituição", afirma Luciane Iwanczuk Steigleder, coordenadora técnica do Núcleo de Extensão Universitária.

Saiba mais:

Os projetos sociais possibilitam ao estudante a formação cidadã, o campo de prática de suas habilidades profissionais e, ainda, um espaço para a produção de conhecimento. A comunidade é envolvida na definição de atividades, que trabalham os direitos sociais, a autonomia, o empoderamento e o fortalecimento de vínculos comunitários e familiares. Atualmente, a Universidade Feevale desenvolve 35 projetos sociais e quatro projetos culturais.

Fonte/Associado: Universidade Feevale

Gaúcha integra pesquisa que desenvolverá novo teste de Covid-19 na Inglaterra

<http://www.acinh.com.br/noticia/gaucha-integra-pesquisa-que-desenvolvera-novo-teste-de-covid-19-na-inglaterra>

Paula Boeira, graduada em Biomedicina pela Universidade Feevale, faz parte do Hepatology Research Group da University of Plymouth

A egressa do curso de Biomedicina da Universidade Feevale, Paula Boeira, residente há três anos na Inglaterra, integra um grupo de pesquisa da University of Plymouth que está na linha de frente de combate ao novo coronavírus. Os pesquisadores estão analisando as diferentes respostas imunológicas dos pacientes com Covid-19 e trabalhando para desenvolver um teste simples que ajude a prever quem desenvolverá uma doença grave.

O estudo, intitulado Immune Biomarkers of Outcome from Covid, é realizado pelo Plymouth Hepatology Research Group da Universidade nos hospitais universitários Plymouth NHS Trust (UHP). "Ao analisar amostras colhidas assim que os pacientes entram no hospital e, depois, acompanhá-los à medida que a doença progride, buscamos identificar, em um estágio inicial, quem, provavelmente, desenvolverá a doença respiratória grave que pode ser associada com o vírus", explica Paula.

Conforme a pesquisadora, o estudo, que se iniciou há cerca de três semanas, está previsto para levar de dois a três meses. Já foram analisados 30 pacientes em um curto período de tempo, sendo necessários, aproximadamente, 200 pacientes para concluir esta etapa. De acordo com Paula, já foram notadas algumas diferenças entre pacientes e controles, mas ainda é muito cedo para se ter alguma conclusão.

Paula formou-se em 2011 na Feevale e, após um período em que estudou mestrado em Ciências Biomédicas na Holanda, mudou-se para a Inglaterra em 2017. É estudante de PhD do Hepatology Research Group da Faculty of Health da University of Plymouth. Para a egressa, a Feevale a preparou muito bem na questão de prática laboratorial. "Foi importante, principalmente, o estágio final dentro de um hospital, lidando com amostras de pacientes diariamente, que é o que eu faço agora neste estudo. Aqui, na Inglaterra, os alunos não têm muitas aulas práticas, então posso dizer que saí da minha graduação sabendo fazer de tudo dentro de um laboratório hospitalar e esse é um grande diferencial", afirma.

Fonte/Associado: Universidade Feevale

Unisinos: Inscrições para a segunda fase do Projeto GIL Pequenos Negócios seguem abertas até este domingo, 24

<https://acistl.com.br/noticia/unisinos--inscricoes-para-a-segunda-fase-do-projeto-gil-pequenos-negocios-seguem-abertas-ate-este-domingo-24>

O projeto Pequenos Negócios "Todos por todos", desenvolvido pelo curso de Gestão Para Inovação e Liderança - GIL, tem o objetivo de auxiliar pequenos negócios através de mentorias gratuitas, virtuais e personalizadas, conduzidas por alunos e professores voluntários. A ideia é ajudar empresas que buscam soluções para enfrentar o período de isolamento social. "O projeto surgiu como uma forma de reação aos efeitos da crise econômica gerada pelo isolamento social decorrente da Covid-19. Nos inspiramos em iniciativas locais, preocupadas em gerar visibilidade aos pequenos negócios, e identificamos a oportunidade de alunos e professores do curso apoiarem esse público com os seus conhecimentos, a partir de mentorias em diferentes áreas da gestão", explica o coordenador do curso Bruno Bittencourt. Para participar do projeto, basta fazer a inscrição no formulário online. Cada negócio é distribuído para um grupo que entra em contato com o microempresário para realizar encontros virtuais com mentoria especializada, material de apoio e suporte para que o negócio possa enfrentar a crise de maneira criativa e eficaz. O projeto se destina para pequenos negócios de diferentes segmentos que estão buscando possibilidades para se destacar e para sobreviver no contexto atual. "Inicialmente, os voluntários são alunos e professores do curso de Administração - Gestão para Inovação e Liderança (GIL) da Unisinos. Contudo, entendemos que, à medida que a demanda for aumentando, pode vir a ser necessário mais alunos e profissionais para auxiliar esses negócios", argumenta Janaína Lemos Becker, coordenadora do GIL. De acordo com Janaína, o grupo atendido

pelo projeto, normalmente, é composto por empreendedores que possuem bastante conhecimento da operação do negócio, mas não possuem formação na área da gestão. "Identificamos que são empreendedores que buscam auxílio nas áreas de gestão financeira, marketing digital, modelagem de negócios e vendas", afirma. O atendimento online aos pequenos negociantes será feito em três etapas, conforme explica a coordenadora. "Primeiramente, serão analisadas as demandas dos negócios a fim de aloca-los em um grupo de alunos e professor especializado na temática. Na sequência, o negócio será contatado para uma primeira reunião de diagnóstico. Após essa reunião, será desenvolvido um plano de trabalho com propostas de soluções a serem discutidas e desenvolvidas com o empreendedor em futuros encontros. As reuniões serão todas online, realizadas através de plataformas de webconferência", enfatiza. A professora conta que as mentorias começarão a partir desta terça, 31/3. "Por enquanto estamos analisando as demandas dos negócios e alocando os grupos de trabalho", complementa. Cerca de 70 voluntários, entre alunos e professores, participam do projeto. Até o momento, 85 pequenos empreendedores se inscreveram para serem atendidos pelo grupo.

22/05/2020 | Acist São Leopoldo | acistl.com.br | Geral

Feevale: Acadêmicos vencem etapa nacional do Renault Twizy Contest 2020

<https://acistl.com.br/noticia/feevale--academicos--vencem-etapa-nacional-do-renault-twizy-contest-2020>

O time FarmTwizy, formado por um grupo de estudantes da Universidade Feevale, venceu o desafio Renault Twizy Contest 2020. Os acadêmicos, que ganharam a competição nacional, terão apoio para prototipar o seu projeto em um Renault Twizy, com mentorias e conteúdo para desenvolver o seu projeto, e representarão o Brasil no Challenge Twizy Contest Global da Renault, que acontecerá na França. Eles venceram, na final, estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), de São Paulo.

A equipe da Feevale, que foi orientada pelos professores Juan Almada e Fabiano Nunes, é composta por Niklaus Lauxen, acadêmico do curso de Engenharia Eletrônica; Gustavo Siebel, do curso de Engenharia Eletrônica; Elienai Josias, do curso de Engenharia Mecânica e técnico na Oficina Tecnológica da Feevale; Paulo César Junior, do curso de Engenharia de Produção; e Vinicius Wilbert, graduado em Design de Produto, pela Universidade Feevale.

Viabilizado pela Diretoria de Inovação e pelo Instituto de Ciências Criativas e Tecnológicas (ICCT), por meio do Centro de Design da Instituição, os participantes tiveram a ideia de desenvolver o FarmTwizy, um veículo elétrico que traz para o mercado do agronegócio uma solução inovadora, com o propósito de aumentar a produtividade na agricultura. Além disso, de maneira inteligente, o produto proporciona mobilidade e gestão da lavoura. Com tecnologia moderna e de forma sustentável, o veículo oferece, ao agricultor, ferramentas para análise de solo, análise foliar e monitoramento visual de toda plantação, auxiliando-o no combate a pragas e orientando-o nas ações necessárias para obter os melhores resultados.

Sobre o desafio

O Renault Experience é um programa de inovação e empreendedorismo por meio do modelo de startups, criado especialmente para os estudantes universitários. O programa oferece uma trilha de conhecimento completa para guiar os estudantes de todos os níveis de graduação a identificar um problema, ter uma ideia e a desenvolverem até virarem uma startup. O Renault Experience completou dez anos em 2018 e foi reformulado em 2016, adotando o atual modelo de startups. O programa contém três fases: Ideathon, pré-aceleração e aceleração. As duas primeiras são realizadas em ambiente on-line. Durante todo o processo, os participantes recebem a mentoria de profissionais da Renault e do mercado. No ano passado, estudantes da Universidade Feevale também venceram a etapa nacional e, após, a internacional. Fonte: imprensa Feevale

22/05/2020 | Acústica FM | acusticafm.com.br | Geral

Fim de semana terá nova etapa de testes rápidos da pesquisa sobre coronavírus no RS

<https://www.acusticafm.com.br/noticias/31837/fim-de-semana-tera-nova-etapa-de-testes-rapidos-da-pesquisa-sobre-coronavirus-no-rs.html>

Resultados do último levantamento apontaram tendência de aumento na proporção de pessoas com anticorpos para o coronavírus

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul o ocorre neste fim de semana. Entre sábado (23/5) e a próxima segunda-feira (25), os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores de nove cidades: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. Será a quarta fase da pesquisa pioneira encomendada pelo governo do Estado para a Universidade Federal de Pelotas (UFPe), com o objetivo de mapear os casos de coronavírus e acompanhar, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio entre os gaúchos.

Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

"Mesmo com previsão de chuva para o Estado ao longo dos próximos dias, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

Para realizar as entrevistas e os testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente as residências que entram no estudo. E em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção.

A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre as áreas de visitação.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente, a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo. Faltam somente acertar quantas serão as etapas a mais e as datas", diz o reitor da UFPe e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de 12 instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

O custo de R\$ 1,5 milhão da pesquisa tem financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo do RS cerca de 48 horas após a finalização da coleta de dados.

22/05/2020 | Amazonas Atual | amazonasatual.com.br | Geral

A Laudato Si em tempos de pandemia

<https://amazonasatual.com.br/a-laudato-si-em-tempos-de-pandemia/>

Há cinco anos o Papa Francisco publicou a Carta Encíclica Laudato Si - Sobre o cuidado da casa comum (2015), visando chamar a atenção de toda a humanidade para a crise socioambiental que vivemos no planeta. Francisco quer conduzir a humanidade num

processo de reflexão sobre o estilo de vida e a relação com o planeta hoje em voga. Ele está convencido de que precisamos mudar de mentalidade e de atitude, saindo do nosso egoísmo individualista e antropocêntrico, que prejudica não somente a natureza, mas também a nós mesmo.

Pautando-se pelas pesquisas científicas mais recentes, pela tradição milenar da Igreja e pela sabedoria humana, adquirida ao longo da história, o Papa mostra a urgência da mudança que precisa ser realizada enquanto ainda há tempo. Uma mudança que abrange todas as dimensões humanas: política, social, econômica, cultural e espiritual. Esta abrangência é justificada pelo fato de tudo estar interligado. É dentro desta perspectiva, que Francisco afirma que não há uma crise social e outra ambiental, mas uma única crise socioambiental.

A preocupação demonstrada em relação ao predomínio do paradigma tecnocrático evidencia uma profunda lucidez sobre as forças que condicionam e pautam o nosso pensar e o nosso agir. Se de um lado a evolução da técnica possibilita a melhoria da qualidade de vida, este avanço não é usufruído por todas as pessoas, mas é restrito a pequenos setores da sociedade, obrigando a grande maioria da população viver em condições subumanas.

O paradigma tecnocrático, que estimula o domínio absoluto da natureza, tem levado a uma flagrante degradação ambiental e gerado relações autoritárias entre os homens (e mulheres), influenciando a economia e a política. Com o desenvolvimento tecnológico colocado a serviço do lucro, ignoram-se as consequências negativas para o ser humano. Visões limitadas e corporativas afirmam que a tecnologia resolverá todos os problemas ambientais e a fome será resolvida simplesmente com o crescimento do mercado.

Nesta perspectiva, a maximização dos ganhos impõe-se como o objetivo central da economia e da política, mas é visível que o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano nem a inclusão social. A história do capitalismo mostra que o grande crescimento econômico tem entrado frequentemente em choque com a vasta produção da miséria, que afeta grande parte da humanidade, configurando sociedades desiguais. O luxo de alguns é sustentado pela pobreza de muitos, que usufruem de más condições de trabalho, precários sistemas de saúde, ausência de saneamento básico e péssimas condições de moradia.

Nem as zonas rurais mais distantes escapam das consequências desta civilização. Vale lembrar uma crônica do padre Paulo Tadeu Barausse, sj, que descreve a situação do rio Itaqui (Campo Largo/PR), no seu tempo de infância: "hoje só restam recordação do passado. O rio Itaqui se encontra doente, maltratado e poluído. É o resultado do "progresso" da falta de sensibilidade da população e das indústrias da cidade que dia após dia, lançam toneladas de lixo em suas águas".

Todas estas consequências negativas são reforçadas pelo antropocentrismo patológico, que leva o homem a se sentir superior a todas as outras espécies, transformando-as em objetos descartáveis, inclusive o seu próprio semelhante. Este comportamento suicida, que nos leva a colocar em risco a própria humanidade, está na raiz da crise sanitária provocada pelo novo coronavírus. A nossa forma de atuar criou as condições necessárias para o avanço da covid-19, gerando o caos contemporâneo.

As sociedades desiguais, alimentadas pela lógica do lucro e pela arrogância humana, constituem as condições ideais para o avanço descontrolado da Covid-19. A divinização da propriedade privada e o desprezo do bem comum levaram ao descuido da casa comum e do bem-estar do conjunto da sociedade. O desrespeito pela vida humana (e não humana) impulsiona os donos do poder e do dinheiro adotarem a indiferença como política governamental, espalhando a morte e o sofrimento por todos os lugares.

As políticas econômicas que privilegiam os mais ricos e castigam os mais pobres reforçam as desigualdades. Atendendo a interesses escusos, os decisores públicos que compõem o atual governo trabalham sem cessar para fragilizar os direitos do homem e da natureza. Os projetos de privatização dos bens públicos, as decisões que estimulam o desmatamento, as queimadas e a grilagem criminosa colocam em perigo a Amazônia e as poucas florestas que ainda resistem.

Semeando a morte nas periferias das cidades, o coronavírus também avança vorazmente sobre as comunidades rurais, causando o caos e o desespero. Aliada à falta de saneamento, à dificuldade de acesso ao sistema de saúde, à brutalidade dos grandes fazendeiros e à ausência do Estado, a covid-19 projeta fazer das zonas rurais um grande cemitério.

Quem ignorou a mensagem da Laudato Si não pôde se fazer indiferente à mensagem da covid-19. De certa forma, as duas se afinam no mesmo recado: é preciso mudar enquanto ainda há tempo! Assim, a crise provocada pelo coronavírus demonstra a atualidade da Laudato Si. Continuaremos surdos, insistindo no mesmo sistema econômico, no mesmo estilo de vida, na mentalidade colonizadora?

Ou nos abriremos para a solidariedade e para o cuidado dos bens comuns? *Sandoval Alves Rocha é doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio, mestre em Ciências Sociais pela Unisinos/RS, bacharel em Teologia e bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (MG). Membro da Companhia de Jesus (Jesuíta), atualmente é professor da Unisinos e colabora no Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (Sares), sediado em Manaus/AM.

Assuntos: Covid-19 Laudato Si Sandoval Alves Rocha

22/05/2020 | Amigos de Pelotas | amigosdepelotas.com.br | Geral

Coronavírus no RS: pesquisa da UFPel inicia quarta fase de testes rápidos neste sábado

<https://amigosdepelotas.com.br/2020/05/22/coronavirus-no-rs-pesquisa-da-ufpel-inicia-quarta-fase-de-testes-rapidos-neste-sabado/pelotas/amigosdaeducacao/>

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul inicia neste sábado (23) em nove cidades do estado. Os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, nos dias 23, 24 e 25 de maio, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores das cidades Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. "Mesmo com previsão de chuva para o estado, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração, o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo. A pesquisa inédita, coordenada pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com o Governo do Estado, está mapeando os casos de coronavírus e acompanhando, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio no RS. Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais. PUBLICIDADE Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente os domicílios que entram no estudo; e em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido. Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção. A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visita previstos na pesquisa. O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o Governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar as datas e quantas serão as etapas a mais", diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal. O estudo mobiliza uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle). Os custos de R\$ 1,5 milhão têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados.

22/05/2020 | AU Online | auonline.com.br | Geral

Final de semana terá nova etapa de testes rápidos da pesquisa sobre

coronavírus no RS

<https://auonline.com.br/noticia/final-de-semana-tera-nova-etapa-de-testes-rapidos-da-pesquisa-sobre-coronavirus-no-rs/63806>

Continua depois da publicidade Publicidade

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul está confirmada para este final. Entre sábado (23/05) e a próxima segunda-feira (25/05), os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores de nove cidades: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. Será a quarta fase da pesquisa pioneira encomendada pelo governo do Estado para a Universidade Federal de Pelotas (UFPe), com o objetivo de mapear os casos de coronavírus e acompanhando, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio entre os gaúchos. Divulgação UFPEL

Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

"Mesmo com previsão de chuva para o estado ao longo dos próximos dias, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração, o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente os domicílios que entram no estudo; e em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção. A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visita previstos na pesquisa.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente a rodada do próximo fim de semana seria a última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo. Faltam somente acertar quantas serão as etapas a mais e as datas", diz o reitor da UFPe e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

Os custos de R\$ 1,5 milhão têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados. Conteúdo relacionado Equipes de pesquisa da UFPe são agredidas e detidas pelo país Pesquisa da UFPe estima que RS tenha cerca de 24,8 mil casos de Covid-19 cidades coronavirus Pelotas Rio Grande do Sul Saúde Compartilhar

FEEVALE

<https://colunadonene.com.br/2020/05/21/notas-da-semana-22-05-2020/>

Acadêmicos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Design, Moda e Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale foram estimulados a desenvolver projetos culturais, tendo como base os setores nucleares de economia criativa. A proposta da disciplina de Processo Criativo, ministrada pelo professor Cristiano Max Pereira Pinheiro, se transformou no Festival On-line Cultural e Artístico, que conta com 27 produções acadêmicas, como jogos educativos, vídeos e demais opções de entretenimento para este período de pandemia de coronavírus.

De acordo com Pinheiro, o exercício teve como objetivo trabalhar áreas da econômica criativa, como artes, música, teatro, literatura, audiovisual e jogos digitais. “O experimento é importante para desenvolver uma musculatura criativa nos acadêmicos, para que eles possam aperfeiçoar as suas habilidades e a sua criatividade para a produção de seus produtos ou serviços. Não existe serviço criativo sem um artista em desenvolvimento”, afirma.

Ainda segundo o docente, a iniciativa colabora com a cultura, ao oferecer à comunidade a produção artística dos acadêmicos, como parte da cura para a saúde mental neste momento de isolamento social. “Devido ao momento atual vivido no mundo, em virtude do coronavírus, todas as produções possuem relação temática com a pandemia”, enfatiza. Entre as iniciativas está o Covid Game, desenvolvido em formato de quiz pelas acadêmicas Thais Stella Waceleski e Millena Kupsinskü Martins. O jogo virtual, destinado a crianças de 7 a 12 anos, está disponível em: <http://b.link/covid-game>.

Millena explica que, além da experiência em programação, elas decidiram pelo game para criar um mecanismo que pudesse, ao mesmo tempo, ser divertido e conscientizar o público sobre formas de prevenção. “Todas as informações que utilizamos foram baseadas na cartilha infantil do Ministério da Saúde sobre o coronavírus, o que nos ajudou a definir a faixa de idade do público principal e o tipo de linguagem que seria utilizado no jogo”, complementa a estudante

22/05/2020 | Comung | comung.org.br | Geral

Feevale em campeonato mundial na França

<https://comung.org.br/2020/05/22/feevale-em-campeonato-mundial-na-franca/>

Pelo segundo ano consecutivo, um grupo de estudantes da Universidade Feevale venceu o desafio Renault Experience. A equipe FarmTwizy é formada por acadêmicos de diversos cursos da Instituição, que participaram do Twizy Contest 2020, uma iniciativa global da Renault para incentivar estudantes a inovar, em cima do conceito de eletromobilidade, a partir do modelo Twizy. Eles venceram, na final, estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), de São Paulo.

Os participantes, que foram orientados pelos professores Juan Almada e Fabiano Nunes, tiveram a ideia de desenvolver o FarmTwizy, um veículo elétrico que traz para o mercado do agronegócio uma solução inovadora, com o propósito de aumentar a produtividade na agricultura. Além disso, de maneira inteligente, o produto proporciona mobilidade e gestão da lavoura. Com tecnologia moderna e de forma sustentável, o veículo oferece, ao agricultor, ferramentas para análise de solo, análise foliar e monitoramento visual de toda plantação, auxiliando-o no combate a pragas e orientando-o nas ações necessárias para obter os melhores resultados.

Vinicius Wilbert, líder da equipe, graduado em Design pela Universidade Feevale, afirma que o objetivo do grupo era construir um legado, a partir das ideias propostas, para trazer bem-estar para a vida das pessoas. "Tivemos a honra de conquistar esse prêmio e estamos muito felizes por conseguir não só entregar uma ideia inovadora, mas atingir o nosso propósito, que é impactar a vida das pessoas por meio da mobilidade e da tecnologia", explica. "Cada etapa desse projeto foi desafiadora, tanto pessoal quanto profissionalmente. Aliamos nossas características e habilidades em uma multidisciplinaridade e tivemos, desde o início, uma paixão para esse projeto acontecer. Conduzimos tudo com muita gestão e organização, pensando não apenas em vencer, mas alcançar nosso objetivo de impactar a vida das pessoas e trazer benefícios para o Brasil e para o mundo", completa.

Viabilizado pela Diretoria de Inovação e pelo Instituto de Ciências Criativas e Tecnológicas (ICCT), por meio do Centro de Design da Instituição, os estudantes desenvolverão um protótipo em um Renault Twizy. Os alunos também receberão mentorias e conteúdo para desenvolver a ideia vencedora e representar o Brasil no Challenge Twizy Contest Global da Renault, que acontecerá na França, com data ainda a confirmar.

22/05/2020 | Correio de Gravataí | correiogravatai.com.br | Geral

Campo Bom confirma sete casos de Covid-19 em uma semana; cinco em apenas um dia

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/campo-bom-confirma-sete-casos-de-covid-19-em-uma-semana--cinco-e-m- apenas-um-dia.html

Laboratório da Universidade Feevale é um dos locais que realiza testes para Covid-19 em convênio com municípios Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale Ao longo desta semana, Campo Bom confirmou sete casos de Covid-19. Destes, cinco ocorreram em apenas um dia, na última quinta-feira (21). Na quarta-feira (20), o quinto caso do município foi anunciado: um homem de 57 anos que está internado no Hospital Lauro Reus, em estado estável. Depois dele, quatro integrantes da sua família testaram positivo, conforme anunciado no dia seguinte pela prefeitura.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Leia também Caixa libera crédito da 2ª parcela do auxílio emergencial a nascidos em maio e junho 138 mil candidatos aguardam para fazer provas práticas e teóricas de direção Campo Bom endurece decreto, prevê fechamento de locais públicos e possibilidade de multa

Ainda na quinta-feira, o então sexto caso da cidade foi descoberto. A paciente é uma mulher de 51 anos, sem doenças preexistentes. "Ela está em bom estado de saúde e em isolamento domiciliar. Todas as pessoas que tiveram contato com ela estão sendo monitoradas", destacou a Secretaria Municipal de Saúde. Este não tem relação com os anteriores.

Segundo a prefeitura, o 11º caso é de uma mulher, também sem relação com as demais confirmações. Apenas o homem de 57 anos está internado no momento.

Propagação comunitária

Com isso, o prefeito Luciano Orsi fala em propagação comunitária do vírus e afirma que já é considerada como certa a existência de mais casos na cidade. "Cercamos mais de 50 contatos dessas pessoas, para começar a monitorar. Vocês não sabem o trabalho que isso dá para a secretaria de Saúde", apontou.

O município, que foi o primeiro do Estado a ter um caso de coronavírus, estava há 47 dias sem novos registros. Os quatro primeiros pacientes são considerados recuperados. Antes dos sete casos recentes, a última confirmação havia ocorrido em 3 de abril.

TAGS: campo bom coronavirus covid-19 Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail:

22/05/2020 | CryptoID | cryptoid.com.br | Geral

Ilson Bressan assume Diretoria Comercial e Marketing da Valid

<https://cryptoid.com.br/valid/ilson-bressan-assume-diretoria-comercial-e-marketing-da-valid/>

Ilson Bressan, Diretor Comercial e Marketing da Valid Como parte de sua estratégia de transformação digital, a multinacional brasileira Valid anuncia Ilson Bressan como novo Diretor Comercial e Marketing. Com mais de 20 anos de experiência na área de gestão de Marketing, Vendas e Operações, a atuação de Bressan terá como foco principal acelerar o desenvolvimento de iniciativas digitais da companhia. Bressan teve passagem por empresas como Peixe Urbano, onde era responsável pela operação LatAm, e nos segmentos de varejo, farmacêutico, alimentar e governo. O executivo é graduado em Comércio Exterior pela UNISINOS (RS), com MBA em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). A Valid é fornecedora global de soluções seguras personalizadas.

Com sede no Brasil, a empresa desenvolve plataformas de segurança integradas e customizadas para governos e organizações privadas em 17 países. A companhia oferece um portfólio completo de soluções em Meios de Pagamento e Telecom, Sistemas de Identificação, Marketing Digital e Certificação Digital. Valid conclui aquisição da Estacionamento Digital e expande atuação em Gestão de Cidades Inteligentes Valid Certificadora realiza portabilidade de certificado digital por videoconferência. Ouça Entrevista com Márcio Nunes, da Valid Certificadora, sobre a certificação digital em 2019 e 2020 - Ouça

22/05/2020 | Diário de Cachoeirinha | diariocachoeirinha.com.br | Geral

Campo Bom confirma sete casos de Covid-19 em uma semana; cinco em apenas um dia

http://www.diariocachoeirinha.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/campo-bom-confirma-sete-casos-de-covid-19-em-uma-semana--cinco-em-apenas-um-dia.html

Laboratório da Universidade Feevale é um dos locais que realiza testes para Covid-19 em convênio com municípios Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale Ao longo desta semana, Campo Bom confirmou sete casos de Covid-19. Destes, cinco ocorreram em apenas um dia, na última quinta-feira (21). Na quarta-feira (20), o quinto caso do município foi anunciado: um homem de 57 anos que está internado no Hospital Lauro Reus, em estado estável. Depois dele, quatro integrantes da sua família testaram positivo, conforme anunciado no dia seguinte pela prefeitura.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Leia também Caixa libera crédito da 2ª parcela do auxílio emergencial a nascidos em maio e junho 138 mil candidatos aguardam para fazer provas práticas e teóricas de direção Campo Bom endurece decreto, prevê fechamento de locais públicos e possibilidade de multa

Ainda na quinta-feira, o então sexto caso da cidade foi descoberto. A paciente é uma mulher de 51 anos, sem doenças preexistentes. "Ela está em bom estado de saúde e em isolamento domiciliar. Todas as pessoas que tiveram contato com ela estão sendo monitoradas", destacou a Secretaria Municipal de Saúde. Este não tem relação com os anteriores.

Segundo a prefeitura, o 11º caso é de uma mulher, também sem relação com as demais confirmações. Apenas o homem de 57 anos

está internado no momento.

Propagação comunitária

Com isso, o prefeito Luciano Orsi fala em propagação comunitária do vírus e afirma que já é considerada como certa a existência de mais casos na cidade. "Cercamos mais de 50 contatos dessas pessoas, para começar a monitorar. Vocês não sabem o trabalho que isso dá para a secretaria de Saúde", apontou.

O município, que foi o primeiro do Estado a ter um caso de coronavírus, estava há 47 dias sem novos registros. Os quatro primeiros pacientes são considerados recuperados. Antes dos sete casos recentes, a última confirmação havia ocorrido em 3 de abril.

TAGS: coronavirus Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

22/05/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Campo Bom confirma sete casos de Covid-19 em uma semana; cinco em apenas um dia

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/campo-bom-confirma-sete-casos-de-covid-19-em-uma-semana--cinco-e-m- apenas-um-dia.html

Laboratório da Universidade Feevale é um dos locais que realiza testes para Covid-19 em convênio com municípios Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale Ao longo desta semana, Campo Bom confirmou sete casos de Covid-19. Destes, cinco ocorreram em apenas um dia, na última quinta-feira (21). Na quarta-feira (20), o quinto caso do município foi anunciado: um homem de 57 anos que está internado no Hospital Lauro Reus, em estado estável. Depois dele, quatro integrantes da sua família testaram positivo, conforme anunciado no dia seguinte pela prefeitura.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Leia também Caixa libera crédito da 2ª parcela do auxílio emergencial a nascidos em maio e junho 138 mil candidatos aguardam para fazer provas práticas e teóricas de direção Campo Bom endurece decreto, prevê fechamento de locais públicos e possibilidade de multa

Ainda na quinta-feira, o então sexto caso da cidade foi descoberto. A paciente é uma mulher de 51 anos, sem doenças preexistentes. "Ela está em bom estado de saúde e em isolamento domiciliar. Todas as pessoas que tiveram contato com ela estão sendo monitoradas", destacou a Secretaria Municipal de Saúde. Este não tem relação com os anteriores.

Segundo a prefeitura, o 11º caso é de uma mulher, também sem relação com as demais confirmações. Apenas o homem de 57 anos está internado no momento.

Propagação comunitária

Com isso, o prefeito Luciano Orsi fala em propagação comunitária do vírus e afirma que já é considerada como certa a existência de mais casos na cidade. "Cercamos mais de 50 contatos dessas pessoas, para começar a monitorar. Vocês não sabem o trabalho que isso dá para a secretaria de Saúde", apontou.

O município, que foi o primeiro do Estado a ter um caso de coronavírus, estava há 47 dias sem novos registros. Os quatro primeiros pacientes são considerados recuperados. Antes dos sete casos recentes, a última confirmação havia ocorrido em 3 de abril.

TAGS: campo bom coronavirus Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

Gaúcha integra pesquisa que desenvolverá novo teste de Covid-19 na Inglaterra

<http://expansaors.com.br/gaucha-integra-pesquisa-que-desenvolvera-novo-teste-de-covid-19-na-inglaterra/>

A egressa do curso de Biomedicina da Universidade Feevale, Paula Boeira, residente há três anos na Inglaterra, integra um grupo de pesquisa da University of Plymouth que está na linha de frente de combate ao novo coronavírus. Os pesquisadores estão analisando as diferentes respostas imunológicas dos pacientes com Covid-19 e trabalhando para desenvolver um teste simples que ajude a prever quem desenvolverá uma doença grave. O estudo, intitulado Immune Biomarkers of Outcome from Covid, é realizado pelo Plymouth Hepatology Research Group da Universidade nos hospitais universitários Plymouth NHS Trust (UHP).

"Ao analisar amostras colhidas assim que os pacientes entram no hospital e, depois, acompanhá-los à medida que a doença progride, buscamos identificar, em um estágio inicial, quem, provavelmente, desenvolverá a doença respiratória grave que pode ser associada com o vírus", explica Paula. Conforme a pesquisadora, o estudo, que se iniciou há cerca de três semanas, está previsto para levar de dois a três meses.

Já foram analisados 30 pacientes em um curto período de tempo, sendo necessários, aproximadamente, 200 pacientes para concluir esta etapa. De acordo com Paula, já foram notadas algumas diferenças entre pacientes e controles, mas ainda é muito cedo para se ter alguma conclusão. Paula formou-se em 2011 na Feevale e, após um período em que estudou mestrado em Ciências Biomédicas na Holanda, mudou-se para a Inglaterra em 2017. É estudante de PhD do Hepatology Research Group da Faculty of Health da University of Plymouth. Para a egressa, a Feevale a preparou muito bem na questão de prática laboratorial. "Foi importante, principalmente, o estágio final dentro de um hospital, lidando com amostras de pacientes diariamente, que é o que eu faço agora neste estudo. Aqui, na Inglaterra, os alunos não têm muitas aulas práticas, então posso dizer que saí da minha graduação sabendo fazer de tudo dentro de um laboratório hospitalar e esse é um grande diferencial", afirma.

Acadêmicos da Feevale vencem etapa nacional do Renault Twizy Contest 2020

<http://expansaors.com.br/academicos-da-feevale-vencem-etapa-nacional-do-renault-twizy-contest-2020/>

O time FarmTwizy, formado por um grupo de estudantes da Universidade Feevale, venceu o desafio Renault Twizy Contest 2020. Os acadêmicos, que ganharam a competição nacional, terão apoio para prototipar o seu projeto em um Renault Twizy, com mentorias e conteúdo para desenvolver o seu projeto, e representarão o Brasil no Challenge Twizy Contest Global da Renault, que acontecerá na França. Eles venceram, na final, estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), de São Paulo. A equipe da Feevale, que foi orientada pelos professores Juan Almada e Fabiano Nunes, é composta por Niklaus Lauxen, acadêmico do curso de Engenharia Eletrônica; Gustavo Siebel, do curso de Engenharia Eletrônica; Elienai Josias, do curso de Engenharia Mecânica e técnico na Oficina Tecnológica da Feevale; Paulo César Junior, do curso de Engenharia de Produção; e Vinicius Wilbert, graduado em Design de Produto, pela Universidade Feevale. Viabilizado pela Diretoria de Inovação e pelo Instituto de Ciências Criativas e Tecnológicas (ICCT), por meio do Centro de Design da Instituição, os participantes tiveram a ideia de desenvolver o FarmTwizy, um veículo elétrico que traz para o mercado do agronegócio uma solução inovadora, com o propósito de aumentar a produtividade na agricultura. Além disso, de maneira inteligente, o produto proporciona mobilidade e gestão da lavoura. Com tecnologia moderna e de forma sustentável, o veículo oferece, ao agricultor, ferramentas para análise de solo, análise foliar e monitoramento visual de toda plantação, auxiliando-o no combate a pragas e orientando-o nas ações necessárias para obter os melhores resultados. O Renault Experience é um programa de inovação e empreendedorismo por meio do modelo de startups, criado especialmente para os estudantes universitários. O programa oferece uma trilha de conhecimento completa para guiar os estudantes de todos os níveis de graduação a identificar um problema, ter uma ideia e a desenvolverem até virarem uma startup. O Renault Experience completou dez anos em 2018 e foi reformulado em 2016, adotando o atual modelo de startups. O programa contém três fases: Ideathon, pré-aceleração e aceleração. As duas primeiras são realizadas em ambiente

on-line. Durante todo o processo, os participantes recebem a mentoria de profissionais da Renault e do mercado. No ano passado, estudantes da Universidade Feevale também venceram a etapa nacional e, após, a internacional.

22/05/2020 | Expansão | expansao.co | Geral

Lives aproximam professores da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo

<http://expansaors.com.br/lives-aproximam-professores-da-rede-municipal-de-ensino-de-novo-hamburgo/>

Na tarde da última quarta-feira, 20, a Secretaria de Educação (SMED) de Novo Hamburgo, em parceria com a Universidade Feevale, realizou uma live para professores das escolas municipais de Novo Hamburgo. Transmitida pelo YouTube, a atividade contou com a participação de cerca de 1,5 mil pessoas que assistiram às reflexões sobre empatia e humanização e também interagiram por meio de comentários. Na abertura da live, a secretária de Educação, Maristela Guasselli, destacou a importância do trabalho dos educadores neste momento em que as ações de combate ao novo Coronavírus alteram rotinas e afetam as relações sociais. "É tempo de fortalecer nossos laços entre professores, alunos e famílias para o enfrentamento desta crise de impactos mundiais. Temos o compromisso, o desafio e o dever de criar estratégias viáveis para atravessar este período", afirmou Maristela. A transmissão integra as ações de Reflexões e aproximações em tempos de quarentena, série de iniciativas propostas pela SMED para formação continuada de professores durante o distanciamento social. Nesta live, o convidado foi o jornalista e doutor em Comunicação Social Fernando Antunes. Atualmente, o professor pesquisa os efeitos da comunicação em rede nos mecanismos emocionais e empáticos do ser humano que afetam os processos de construção dos significados. "Empatia é uma ressonância emocional com o outro e está intimamente ligada a espécie humana. Vivemos em sociedade porque somos extremamente empáticos. Entretanto, nossa construção social nos dessensibiliza em alguns pontos" ressaltou o docente. No próximo dia 28, a SMED realizará mais uma live, desta vez sobre Educação Infantil. A temática será abordada pela coordenadora no núcleo de Educação Infantil da SMED, Luciane Varisco, e pelo professor da Unisinos, Paulo Focchi.

22/05/2020 | Expansão | expansao.co | Geral

Última fase de estudo com testes rápidos ocorre neste fim de semana em Santa Cruz

<http://expansaors.com.br/ultima-fase-de-estudo-com-testes-rapidos-ocorre-neste-fim-de-semana-em-santa-cruz/>

A primeira pesquisa a estimar o número de pessoas que já contraíram o coronavírus na população terá a quarta e última fase de testes rápidos neste fim de semana em nove cidades do Rio Grande do Sul. Em Santa Cruz, a meta é testar e entrevistar mais 500 pessoas, nos dias 23 e 24 de maio. O estudo inédito, coordenado pela Universidade Federal de Pelotas a partir de parceria com o Governo do Rio Grande do Sul, concluirá o mapeamento dos casos de coronavírus e o acompanhamento da velocidade de disseminação do contágio no Estado. Ao todo, dois mil santa-cruzenses farão parte dessa análise. A Diretora de Inovação e Empreendedorismo da Universidade de Santa Cruz (Unisc), Andreia Valim, avalia a pesquisa como uma experiência ímpar para profissionais e estudantes da área da saúde. "Aprendemos muito ao longo das quatro rodadas. Nossos alunos cresceram enquanto profissionais de saúde e desenvolveram segurança nas atividades em campo", destaca. De acordo com a diretora, a pesquisa tem como objetivos: estimar o percentual de gaúchos com anticorpos para o coronavírus, avaliar a velocidade de expansão da infecção ao longo do tempo, determinar a porcentagem de infecções assintomáticas ou subclínicas e obter cálculos precisos da letalidade. "Os objetivos estão sendo atingidos e, dessa forma, a pesquisa dá subsídios para a tomada de decisões a nível estadual e nos municípios em que está sendo aplicada", explica Andreia. O secretário municipal de Saúde, Régis de Oliveira Júnior, destaca a importância das pessoas receberem os pesquisadores em suas residências para que a pesquisa seja concluída e, assim, possa contribuir ainda mais com as deliberações do Gabinete de Emergências e com as decisões do prefeito, Telmo Kirst. "São as informações que vêm da comunidade que nos auxiliam a definir as estratégias a serem tomadas para que continuemos agindo, de acordo com dados científicos e conforme orientação de profissionais técnicos, contra o vírus", detalha. A pesquisa tem apoio de uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM);

Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle). Os custos do estudo, de R\$ 1,5 milhão, têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização de cada rodada do inquérito populacional. No domicílio, novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste. Durante a visita, os entrevistadores - profissionais voluntários da área da saúde - coletam uma amostra de sangue (uma gota) da ponta do dedo do participante, que será analisada pelo aparelho de teste em aproximadamente 15 minutos. Enquanto o resultado é processado, os participantes respondem a um breve questionário de informações sociodemográficas básicas, sintomas da Covid-19 nas últimas semanas, busca por assistência médica e rotina da família em relação às medidas de prevenção e isolamento social. Se o resultado for positivo, todos os moradores da residência são testados e os pesquisadores entregam um informativo com orientações e repassam o contato dos participantes para acompanhamento e suporte da Secretaria de Saúde do Município. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do de Santa Cruz para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visitação previstos na pesquisa.

22/05/2020 | Fandango AM 1260 | radiofandango.com.br | Geral

Fim de semana terá nova etapa de testes rápidos da pesquisa sobre coronavírus no RS

<http://www.radiofandango.com.br/2020/05/22/fim-de-semana-tera-nova-etapa-de-testes-rapidos-da-pesquisa-sobre-coronavirus-no-rs/>

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul o ocorre neste fim de semana. Entre sábado (23/5) e a próxima segunda-feira (25/5), os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores de nove cidades: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. Será a quarta fase da pesquisa pioneira encomendada pelo governo do Estado para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o objetivo de mapear os casos de coronavírus e acompanhar, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio entre os gaúchos.

Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

"Mesmo com previsão de chuva para o Estado ao longo dos próximos dias, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

Para realizar as entrevistas e os testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente as residências que entram no estudo. E em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção.

A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre as áreas de visitação.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente, a rodada deste fim de semana seria a

última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar quantas serão as etapas a mais e as datas", diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de 12 instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

O custo de R\$ 1,5 milhão da pesquisa tem financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo do RS cerca de 48 horas após a finalização da coleta de dados.

22/05/2020 | Governo do Rio Grande do Sul | estado.rs.gov.br | Geral

Fim de semana terá nova etapa de testes rápidos da pesquisa sobre coronavírus no RS

<https://estado.rs.gov.br/fim-de-semana-tera-nova-etapa-de-testes-rapidos-da-pesquisa-sobre-coronavirus-no-rs>

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul o ocorre neste fim de semana. Entre sábado (23/5) e a próxima segunda-feira (25/5), os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores de nove cidades: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. Será a quarta fase da pesquisa pioneira encomendada pelo governo do Estado para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o objetivo de mapear os casos de coronavírus e acompanhar, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio entre os gaúchos.

Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

"Mesmo com previsão de chuva para o Estado ao longo dos próximos dias, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

Para realizar as entrevistas e os testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente as residências que entram no estudo. E em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção.

A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre as áreas de visitação.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente, a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar quantas serão as etapas a mais e as

datas", diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de 12 instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

O custo de R\$ 1,5 milhão da pesquisa tem financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo do RS cerca de 48 horas após a finalização da coleta de dados.

Texto: Ascom Seplag e Ascom Epidemiologia UFPel

Edição: Secom

22/05/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Só um grande pacto nacional livrará Brasil de consequências sociais "terríveis", alerta economista da ONU

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/05/so-um-grande-pacto-nacional-livrara-brasil-de-consequencias-sociais-terríveis-alerta-economista-da-onu-ckai93m3n0057015ncdcwqgy1.html>

Gaúcho que chefiava escritório brasileiro do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas lamenta avanço da miséria, mas se mostra otimista: "É possível resolver o problema da fome"

Daniel Balaban: "Está na hora de debatermos ideias de verdade, parar com 'vai pra Cuba', 'fascista'. É o momento de aproveitarmos a pandemia para elevarmos o debate, vermos o que funciona no mundo, o que os números dizem" WFP, ONU / Divulgação

Nascido em Viamão, na Região Metropolitana de Porto Alegre, Daniel Balaban é a maior autoridade da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil no tema fome. Quando adolescente, impactado pelas imagens de crianças desnutridas na África, ele decidiu que contribuiria para reduzir o drama. Durante a faculdade de Economia, na Unisinos, trabalhou como agente penitenciário. Depois, no Instituto Psiquiátrico Forense (IPF). Já em Brasília, passou em concurso para o Tesouro Nacional e integrou o gabinete que ajudou na formatação do Plano Real. Trabalhou na Presidência e dirigiu o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Nesse período, outros países se mostraram interessados no programa de alimentação escolar brasileiro. Foi quando a ONU o chamou para continuar o trabalho em nível internacional. À frente do escritório brasileiro do Programa Mundial de Alimentos (WFP, na sigla em inglês, a maior agência humanitária da ONU), ele viaja por nações auxiliando governos a criar programas de segurança alimentar. Na entrevista a seguir, o economista de 57 anos alerta: 5,4 milhões de brasileiros devem passar para a extrema pobreza até o final de 2020.

Quais são os indícios de que o Brasil pode voltar ao mapa da fome?

O Mapa da Fome das Nações Unidas classifica os países por meio de indicadores, que ficam mudando o tempo todo. Para a ONU e o Banco Mundial (Bird), pessoas que ganham até US\$ 1,90 por dia estão em insegurança alimentar nutricional, ou seja, não têm capacidade de se alimentar. O Brasil chegou a ter 35% da população nessas condições e foi paulatinamente diminuindo esse índice, até chegar abaixo de 2%. Conseguiu sair, no Mapa da Fome, das cores mais escuras, que indicam países com tristes realidades, com mais fome. Hoje, o Brasil tem a mesma cor dos EUA, dos países europeus desenvolvidos. O alerta que faço é que o Brasil corre o risco de voltar, se o índice passar de 5%.

Esse risco é anterior à pandemia do coronavírus?

A pandemia só está acelerando o processo. De 1990 a 2014, o Brasil conseguiu diminuir em 75% a extrema pobreza. Só que, de 2015 a 2019, a extrema pobreza aumentou 73% no país. Levamos 25 anos para tirar 75% das pessoas dessa condição e, em cinco anos, a gente conseguiu retroceder tudo isso. Houve crise econômica, um monte de situações, mas mais importante do que isso é o

fato de que o Brasil conseguiu ser um exemplo, entre 1990 e 2014, de país que se preocupou em desenvolver políticas sociais que estão na nossa Carta Magna. Fez uma série de políticas sociais muito bem organizadas e que não tinham custo muito alto. O custo de pessoas sofrerem com a fome é muito maior do que o de investir em políticas sociais para tirá-las dessa situação. Quando você tira as pessoas da fome, faz com que elas tenham cidadania e paguem impostos. Inclusive aumenta a quantidade de arrecadação do país. Mais gente consome. Essa é a lógica. Enquanto menos gente estiver consumindo, menos impostos você vai arrecadar, porque você está tirando pessoas do dia a dia da cidadania. O Brasil chegou a ter menos de 2% da população em insegurança alimentar. Em 2019, fechou com 4,4% da população ganhando menos de US\$ 1,90 por dia. São 9,3 milhões de pessoas. Na nossa moeda, é cerca de R\$ 10 o mínimo que você tem de arrecadar por dia para conseguir fazer uma refeição. E olha que já é difícil conseguir comer com R\$ 10. Mas essas são as diretrizes do Bird.

A pandemia só está acelerando o processo. De 1990 a 2014, o Brasil conseguiu diminuir em 75% a extrema pobreza. Só que, de 2015 a 2019, a extrema pobreza aumentou 73% no país. Levamos 25 anos para tirar 75% das pessoas dessa condição e, em cinco anos, a gente conseguiu retroceder tudo isso. Quais são os Estados com maior risco de fome?

Todos. Mas, logicamente, os mais pobres têm risco maior. Há também as grandes periferias. Vá ao centro de São Paulo e você verá algo triste: a quantidade de pessoas vivendo na rua. Não existe mais espaço debaixo de viadutos. Já fecharam todos os viadutos, e as pessoas estão lá. E não é uma família, são várias. A quantidade de pessoas em situação de rua é muito grande. Não sei como está Porto Alegre, que sempre foi uma cidade com menos extremos.

Tem muita gente, também. chama a atenção a presença de crianças em sinaleiras.

Isso é terrível. Quando a gente estava na Presidência da República, e estava criando o Bolsa Família e suas condicionantes, uma delas era: ter de levar as crianças para escola. A maioria das famílias que não mandava criança para a escola era porque dizia que precisava de ajuda para procurar alimentos. A ideia era dizer: "Você vai ganhar um valor, mas terá de manter o seu filho na escola". São R\$ 170, mas já é suficiente para tentar manter o filho na escola. Depois, quase 100% das crianças voltaram a estudar, principalmente no Ensino Médio. Antes, 50% dos estudantes abandonavam a escola ao terminar o Ensino Fundamental. O que um menino de 15 anos vai fazer? Esse é o alerta que faço. Por conta das crises econômica, política e social desde 2016, o Brasil meio que saiu do trilho, deu uma balançada. Faço um alerta de que temos de voltar a pensar nas políticas sociais para que o Brasil não volte ao Mapa da Fome. Um país tão rico, a oitava economia do mundo, um dos maiores produtores de alimentos do planeta, como podemos ter gente passando fome? Não é possível. Durante algum tempo, o Brasil foi exemplo para outros países de combate à fome e de segurança alimentar nutricional. Por que a gente vai voltar? Por conta de crise econômica? Vamos continuar, independentemente das crises políticas, vamos continuar com as políticas que deram certo. Não podemos abandoná-las, ainda mais agora, com o coronavírus.

Isolando-se os demais fatores, qual é o impacto da pandemia na fome?

Com os dados que a gente já tem, é possível perceber que são terríveis. A fome crônica, ou seja, a população que está sempre em insegurança alimentar e nutricional, aumentou de cinco anos para cá. E não só no Brasil. O mundo estava em reta descendente em termos de fome. Em uma questão de cinco anos, a partir de 2016, o planeta como um todo mudou a curva. Em 2016, eram 790 milhões de pessoas, hoje são 820 milhões. Colocamos mais 30 milhões de pessoas em fome crônica. Temos outro tipo de fome, que é a fome aguda, pessoas que agora estão precisando e, antes, não precisavam de ajuda. Agora, não estão em condições de comprar comida. Esse grupo também está crescendo muito. Em 2019, eram 135 milhões, agora acreditamos que vai dobrar, mais 130 milhões vão entrar por conta da pandemia. Ou seja, 265 milhões. Nos EUA, que é o país mais rico e desenvolvido, o desemprego está chegando a 20%. No Brasil, nesse momento de pandemia, o Congresso aprova o orçamento de guerra. Não gosto dessa palavra, "guerra". Prefiro orçamento para salvar vidas, orçamento de vida, de paz. Para a gente conseguir ajudar essas pessoas, vamos ter de fazer uma união nacional, Estados, municípios e União. E achar recursos. Caso contrário, vamos ter uma situação muito séria no Brasil ainda neste ano. Coisas terríveis podem vir.

Se o Estado não colocar dinheiro nos municípios e nas empresas, não vamos sair bem dessa situação. Temos de montar um novo acordo econômico, inclusive com os bancos, que precisarão dar o seu quinhão de ajuda. O que seria necessário para reverter essa situação no Brasil?

Primeiro, união. Um plano estratégico que contemple governos federal, estaduais e municipais. Ou seja, tem de haver conversação,

parar de disputas e discussões. Se não houver isso, a gente vai passar por situações muito complexas. Não vejo hoje essa união. Vejo Estados tentando resolver a sua parte, o governo federal negando o que acontece. Em países que estão tentando se desenvolver, houve união. Você vai ter de discutir um orçamento de ajuda aos Estados e aos municípios. A arrecadação vai cair muito. Se o Estado já não tinha capacidade de pagar o que deve em época normal, imagina agora em que a própria arrecadação vai despencar. Vai ter de haver um plano federal. Aí entram Congresso, assembleias estaduais, tem de ter união, liderada pelos governadores e pelo presidente. Se o país não estiver unido, em um momento como o atual, vai ficar muito difícil. Os EUA, por exemplo, já injetaram US\$ 2 trilhões na economia, e, mesmo assim, estão ardendo com um desemprego próximo da grande depressão de 1929, que foi de 25%. O Brasil, graças a Deus, conseguiu aprovar essa ajuda de R\$ 600, que é importante para as famílias, mas precisa de mais: precisa de ajuda para os Estados, porque a gente ainda não sabe quanto tempo vai durar o processo. Vai precisar de um trabalho imenso, conseguir recurso, mesmo que seja na base de endividamento público ou por meio de reservas. O Brasil tem muitas reservas internacionais. Sou economista, trabalhei no Tesouro, sei que dá para sair, sempre se conseguem recursos. O importante é ter vontade política e união para fazer um grande plano de reconstrução nacional.

Falando do cenário global, uma das imagens mais impressionantes dos últimos dias foi a fila para conseguir um kit de comida em Genebra (Suíça), a segunda cidade mais rica do mundo.

A gente tem de lembrar que cada número é uma pessoa, uma vida. Às vezes, a gente esquece que tem um coração que bate ali naquele número. Quando a gente fala em 821 milhões de pessoas, estamos falando em quatro Brasis passando fome no mundo. E aí você pode dizer: "Poxa, mas isso aí faz parte". Não faz! Porque vivemos em um mundo no qual temos alimentos suficientes para alimentar toda essa população. Produzimos, no Brasil, alimentos para todo o mundo - e sobra. O mundo desperdiça por ano 1,3 bilhão de toneladas de alimentos que são jogados no lixo. Desde alimentos que sobraram na sua geladeira até os que foram produzidos e estragaram, caíram durante o transporte. Na feira, na Ceasa, quanto de alimento sobra? Jogam tudo dentro de um caminhão de lixo. Só o que há de desperdício mundial daria para alimentar 2 bilhões de pessoas com três refeições ao dia. Quando a gente joga no lixo o alimento, a gente está desperdiçando água, energia, pessoas que trabalharam e produziram. É algo insano. A gente tem de criar sistemas alimentares, que já existem em vários países, nos quais não desperdiçamos mais. Nós, gaúchos, temos aquela mania: é preferível sobrar do que faltar. Sempre com a mania de fazer mais comida, no dia a dia, a gente faz mais do que precisa. É por aí que começa. É uma questão de consciência. Mas eu acredito que o estamos mais conscientes. Estamos melhorando a cada dia, nesse sentido. Sou muito otimista.

Nos anos 1980, as imagens de fome na África eram emblemáticas. Hoje, em um mundo que avançou em termos de tecnologia e conectividade, falar em fome pode parecer algo distante para muita gente.

Passo mais tempo nesses países da África do que propriamente em Brasília. Nosso trabalho é estar lá, ajudando os governos. Atendemos a mais de 50 países. Praticamente todos os africanos abaixo do Saara recebem o nosso apoio: Etiópia, Moçambique, Gâmbia, Benin, Togo, Burkina Faso. Em países de colonização francesa, eles não gostam que se fale de fome. Não gostam do termo. Proibiram de falar em fome. "Fale em insegurança alimentar." O termo é pesado. Um país não gosta de dizer que tem gente passando fome. Choca. É bom que choque, porque as pessoas passam a ter um sentimento em relação a isso. Se choca, é bom, você fica tocado com relação a isso. Aqui, é a mesma coisa. Há pouco, a gente ouvia pessoas dizendo que não existe fome no Brasil. É porque você não está vendo. Não está no teu vizinho. Quem fala que não existe fome são pessoas bem alimentadas. Vivemos em bolhas.

Hoje, pode-se dizer que existe fome no Brasil?

Existe. Esse é o número das estatísticas: 9,3 milhões de pessoas, segundo o IBGE e o Banco Mundial.

E as cenas que a gente via na Etiópia e no Sudão. Existem ainda?

Existem em alguns lugares em conflito, como Iêmen, Síria, Sudão do Sul, Burkina Faso, em algumas regiões da Nigéria. Nos lugares mais democráticos, você não vê mais isso porque o próprio sistema público já consegue fazer com que os alimentos cheguem a essas populações. Onde há guerra, ninguém está produzindo alimento porque está chovendo bomba. O que você quer é fugir. As guerras estão muito ligadas à fome. Se não tivéssemos guerra no mundo, já teríamos resolvido o problema da fome. O mundo gasta por ano quase US\$ 2 trilhões em armas, em gastos militares. É um cálculo que nós, da ONU, fazemos e levamos para todos os fóruns. Se fizéssemos um acordo mundial e disséssemos: "Neste ano, cada país vai usar 7% do que gasta com armas para acabar com a fome". A gente acabava. Esse dinheiro não seria para dar comida, mas para dar sustentabilidade, para fazer com que as pessoas plantem e

tenham emprego e renda. Esses 7% significariam em torno de US\$ 130 bilhões por ano. É a quantia necessária para erradicar a fome no planeta. É uma questão de escolha. Por que optamos por gastar mais em militares, bombas, aviões, se, gastando mais para erradicar a fome, não haveria mais conflitos? Porque as pessoas mais suscetíveis a se juntar à Al-Qaeda são aquelas que estão desesperançadas. Você está com fome e botam uma metralhadora na tua mão. Você se sente poderoso. A fome leva aos conflitos.

Passei por vários governos e constatei. Cada um que chega é: 'Todo mundo embora'. É horrível.

O funcionalismo público tem técnicos competentes, retirados para encaixar cargos em comissão. Está na hora de debatermos ideias de verdade, parar com 'vai pra Cuba', 'fascista'. É o momento de aproveitarmos a pandemia para elevarmos o debate, vermos o que funciona no mundo, o que os números dizem, parando com fake news e focando no que importa. Com vontade política, dá para ter um mundo sem fome. Ao lidar com estatísticas, pode-se ter uma visão mais teórica, sociológica, às vezes desconectada da realidade das pessoas comuns. Em que momento o senhor percebeu a diferença dos números e das vidas das pessoas?

A uma pessoa que passa fome não interessa quem está lá, dando comida para ela. O que interessa a ela é receber a comida naquele instante. Ela não tem capacidade mental de pensar em mais nada. Principalmente as mulheres, que são as heroínas, que ficam com os filhos, enquanto os homens as abandonam e vão tentar resolver a vida deles. E você vê o desespero para tentar salvar um filho. Meu trabalho entra mais nos países que estão fora de conflito e que querem criar sistemas alimentares. Por isso sou otimista, faço trabalho de ajuda ao país que quer acabar com a fome. Trabalhamos muito com governos, ONGs, grupos de pessoas da sociedade civil organizada. Em Burkina Faso, um agricultor me disse: "Eu posso produzir, mas muitas vezes já produzi e o governo veio aqui, catou toda minha produção e não me pagou nada". O próprio governo pega a comida deles e leva. E eles diziam: "Poxa, estou trabalhando de sol a sol, todo dia produzindo alimentos. Para que eu vou continuar fazendo isso?". Tiveram de fazer um pacto com o governo para que respeite contratos, que pague aos produtores. Por incrível que pareça, isso está funcionando nos países da África. Os africanos estão muito à frente, nesse sentido. Eles entenderam. Se deixar, os africanos terão o continente mais desenvolvido do mundo. A grande maioria dos países tem governantes muito bem orientados, ministros que estudaram fora, que estão com vontade de fazer acontecer.

No Brasil, a pandemia vai acelerar a fome?

O Brasil vai ter uma recessão muito forte. Crescemos nos últimos 10 anos 1,39% ao ano sem pandemia. É um número medíocre, muito ruim. E isso sem pandemia. Com pandemia, o impacto será muito grande. Por isso, repito: precisamos de um trabalho muito forte de união entre governos municipais, estaduais e federal em termos de recursos. Se o Estado não colocar dinheiro nos municípios e nas empresas para salvá-los, não vamos sair bem dessa situação. Não há milagre, um estalar de dedos e tudo vai voltar ao normal. Isso não existe. Temos de montar um novo acordo econômico, inclusive com os bancos. O setor que mais lucra no país precisará dar o seu quinhão de ajuda. É uma questão de escolha: ou a gente faz isso por meio de um grande pacto nacional de sobrevivência, que é o que todos os países estão fazendo, ou vamos passar por momentos nunca antes vividos na história desse país.

O que funcionou ao longo dos 25 anos de redução da fome no país?

Começou com Betinho (Herbert de Souza, sociólogo), que fez aquela campanha contra a fome nos anos 1980 e 90. Ali criaram-se círculos de intelectuais pensando estratégias para diminuir a miséria. A partir das universidades e da sociedade civil organizada, criou-se uma estratégia que depois foi abarcada no governo de Lula chamada de Fome Zero. Essa estratégia teve um impacto muito grande. Estou falando como ONU. Ninguém está aqui defendendo um governo, nada. Vamos falar da estratégia de política social de combate à pobreza. A estratégia foi analisada pelo Bird e por vários órgãos da ONU, que acabaram colocando o Brasil como o grande exemplo. Aumentou a quantidade de pessoas na classe média. Muita gente saiu da miséria. É estatística. O Bird é conservador e diz isso. O Bird começou a ajudar outros países baseado nessa estratégia brasileira. A própria ONU, a ODS2 (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), o que é? O Fome Zero. Como ciência, esqueça a política, a estratégia tem quatro eixos: acesso a alimentos, geração de renda, fortalecimento da agricultura familiar e articulação, mobilização e controle social. O segredo foi pegar ações que já existiam no governo Fernando Henrique Cardoso e juntá-las sob um arcabouço, orientando uma articulação governamental entre vários ministérios. Esse foi o segredo. Ouvir o que universidades e a sociedade civil organizada, a partir da iniciativa do Betinho, estavam orientando, e organizar uma mobilização nacional a partir disso.

É possível superar a dicotomia entre direita e esquerda e falar em união nacional diante da polarização atual?

Se você pegar os grandes intelectuais de direita, os maiores autores liberais, vai ver que são favoráveis a esse tipo de política.

Combater a fome não é política de esquerda. É importante para dar sustentabilidade à economia. Se sou um empresário, quero que as pessoas comprem meu produto. Se ninguém tem dinheiro, como vão comprar? As pessoas precisam ter renda. E, para isso, tem de haver um esforço do governo, até para evitar outros custos. Há crianças na rua? Significa que, em breve, será preciso colocar mais dinheiro na polícia. Gosto de citar os países nórdicos. No início do século passado, eles eram uma miséria total. Noruega, Dinamarca fizeram um grande pacto. Lá, não se sabe se o governo é de esquerda ou direita. Eles mantêm o que a gestão anterior fez. A seguinte continua. No Brasil, passei por vários governos e constatei. Cada um que chega é: "Todo mundo embora". É horrível. O funcionalismo público tem técnicos competentes, retirados para encaixar cargos em comissão. Está na hora de debatermos ideias de verdade, parar com "vai pra Cuba", "fascista". É o momento de aproveitarmos a pandemia para elevarmos o debate, vermos o que funciona no mundo, o que os números dizem, parando com fake news e focando no que importa. Com vontade política, dá para ter um mundo sem fome. Se quisermos, é possível revolver o problema da fome.

Todas as entrevistas da seção Com a Palavra

22/05/2020 | Jornal de Gramado | jornaldegramado.com.br | Geral

12 novos casos de coronavírus são registrados pela prefeitura de Sapucaia do Sul

https://www.jornaldegramado.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/12-novos-casos-de-coronavirus-sao-registrados-pela-prefeitura-de-sapucaia-do-sul.html

Município soma 80 casos ao todo, com 32 recuperados e quatro óbitos

Doze novos casos em Sapucaia do Sul Foto: Eduardo Patrick Bettio/Divulgação

A prefeitura de Sapucaia do Sul confirmou, na tarde desta sexta-feira (22), doze novos pacientes infectados pelo novo coronavírus no município, chegando a 80 casos confirmados. A cidade já conta com 32 recuperados e quatro óbitos.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Oito pacientes estão hospitalizados, sendo um na UTI do Hospital Municipal Getúlio Vargas; quatro na UTI do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Três estão internados na Clínica Covid, sendo um no Hospital Getúlio Vargas, um no Hospital da Ulbra, em Canoas, e um na Unimed, em Novo Hamburgo.

O município já realizou 637 testes, sendo que destes 509 foram descartados, porque as amostras deram negativas, e 45 seguem em investigação, aguardando o resultado do exame. Atualmente, 36 casos confirmados seguem em isolamento domiciliar.

Novos registros

O novos pacientes são: uma mulher, de 77 anos, moradora da Nova Sapucaia; um homem, 44 anos, morador do Centro; uma mulher, 34 anos, moradora do bairro Vargas; uma mulher, de 20 anos, moradora do bairro São José; uma mulher 36 anos, moradora da Nova Sapucaia; uma mulher, de 32 anos, do bairro Nova Sapucaia; uma mulher de 40 anos, da Nova Sapucaia; um homem, de 46 anos, morador da Nova Sapucaia; um menino, de 11 anos, morador do Centro; um adolescente, de 13 anos, morador da Nova Sapucaia; uma menina, de 09 anos, moradora da Nova Sapucaia e uma mulher, de 31 anos, moradora do bairro Pasqualini.

Casos por bairro:

03 - Camboim

04 – Silva

07 – Vargas

04 – Loteamento Bela Vista

02 - Capão da Cruz

06 – Centro

01 – Cohab

05 – Ipiranga

15 – Nova Sapucaia

09 – Pasqualini

02 – Piratini

01 – João de Barro

02- Primor

05 – Boa Vista

01- Sete

03 _ São José

02– Três Portos

01– Carioca

05 – Santa Catarina

01-Paraíso

01 – Jardim América

Gostou desta matéria? Compartilhe!

22/05/2020 | **Jornal do Comércio** | jornaldocomercio.com | Geral

Quarta fase de testes rápidos de coronavírus inicia neste sábado no RS

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/05/740145-quarta-fase-de-testes-rapidos-de-coronavirus-inicia-neste-sabado-no-rs.html

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul inicia neste sábado (23) em nove cidades do estado. Os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, nos dias 23, 24 e 25 de maio, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores das cidades Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul.

“Mesmo com previsão de chuva para o estado, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração, o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia”, diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

A pesquisa inédita, coordenada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em parceria com o Governo do Estado, está mapeando os casos de coronavírus e acompanhando, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio no RS. Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente os domicílios que entram no estudo; e em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores – profissionais voluntários da área de saúde – têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção. A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visita previstos na pesquisa.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. “Inicialmente a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o Governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar as datas e quantas serão as etapas a mais”, diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

Os custos de R\$ 1,5 milhão têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro.

Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados.

22/05/2020 | **Jornal Dois Irmãos** | jornaldoisirmaos.com.br | Geral

Fim de semana terá nova etapa de testes rápidos da pesquisa sobre coronavírus no RS

<http://jornaldoisirmaos.com.br/noticia/22052020-fim-de-semana-tera-nova-etapa-de-testes-rapidos-da-pesquisa-sobre-coronavirus-no-rs>

Fonte: Governo RS Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul o ocorre neste fim de semana. Entre sábado (23) e a próxima segunda-feira (25), os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores de nove cidades: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul. Será a quarta fase da pesquisa pioneira encomendada pelo governo do Estado para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o objetivo de mapear os casos de coronavírus e acompanhar, quinzenalmente, a

velocidade de disseminação do contágio entre os gaúchos.

Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais. "Mesmo com previsão de chuva para o Estado ao longo dos próximos dias, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

Para realizar as entrevistas e os testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente as residências que entram no estudo. E em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido. Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção.

A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre as áreas de visitação. O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente, a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar quantas serão as etapas a mais e as datas", diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

SAIBA MAIS

O estudo mobiliza uma rede de 12 instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

O custo de R\$ 1,5 milhão da pesquisa tem financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo do RS cerca de 48 horas após a finalização da coleta de dados. ? Compartilhe

22/05/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Campo Bom confirma sete casos de Covid-19 em uma semana; cinco em apenas um dia

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/em-uma-semana--campo-bom-confirma-sete-casos-de-covid-19--cinco-em-ape-nas-um-dia.html

Laboratório da Universidade Feevale é um dos locais que realiza testes para Covid-19 em convênio com municípios Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale Ao longo desta semana, Campo Bom confirmou sete casos de Covid-19. Destes, cinco ocorreram em apenas um dia, na última quinta-feira (21). Na quarta-feira (20), o quinto caso do município foi anunciado: um homem de 57 anos que está internado no Hospital Lauro Reus, em estado estável. Depois dele, quatro integrantes da sua família testaram positivo, conforme anunciado no dia seguinte pela prefeitura.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Leia também Caixa libera crédito da 2ª parcela do auxílio emergencial a nascidos em maio e junho 138 mil candidatos aguardam para fazer provas práticas e teóricas de direção Campo Bom endurece decreto, prevê fechamento de locais públicos e possibilidade de multa

Ainda na quinta-feira, o então sexto caso da cidade foi descoberto. A paciente é uma mulher de 51 anos, sem doenças preexistentes. "Ela está em bom estado de saúde e em isolamento domiciliar. Todas as pessoas que tiveram contato com ela estão sendo monitoradas", destacou a Secretaria Municipal de Saúde. Este não tem relação com os anteriores.

Segundo a prefeitura, o 11º caso é de uma mulher, também sem relação com as demais confirmações. Apenas o homem de 57 anos está internado no momento.

Propagação comunitária

Com isso, o prefeito Luciano Orsi fala em propagação comunitária do vírus e afirma que já é considerada como certa a existência de mais casos na cidade. "Cercamos mais de 50 contatos dessas pessoas, para começar a monitorar. Vocês não sabem o trabalho que isso dá para a secretaria de Saúde", apontou.

O município, que foi o primeiro do Estado a ter um caso de coronavírus, estava há 47 dias sem novos registros. Os quatro primeiros pacientes são considerados recuperados. Antes dos sete casos recentes, a última confirmação havia ocorrido em 3 de abril.

Quer receber notícias como esta e muitas outras diretamente em seu e-mail? Clique aqui e inscreva-se gratuitamente na nossa newsletter. TAGS: campo bom coronavirus covid-19 Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

22/05/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Saiba quais são os 15 municípios da região onde o novo coronavírus ainda não fez pacientes

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/21/saiba-quais-sao-os-15-municipios-da-regiao-onde-o-novo-coronavirus-ainda-nao-fez-pacientes.html

Uma das ações de Morro Reuter, que ainda não registrou casos, foi a confecção de máscaras por agentes de saúde Foto: Divulgação/Prefeitura de Morro Reuter Quem reside nestas cidades, observa com atenção a atualização diária de casos do novo coronavírus pelas informações do Estado. Mas não é só para ver se surgiram novas confirmações da doença - e sim ter certeza de que o município ainda permanece no grupo de locais onde a Covid-19 não chegou. São 15 das 44 cidades de abrangência do Jornal NH.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todos os conteúdos sobre coronavírus

Integram a lista Alto Feliz, Araricá, Capela de Santana, Igrejinha, Lindolfo Collor, Linha Nova, Morro Reuter, Nova Hartz, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Santa Maria do Herval, São José do Hortêncio, Três Coroas e Vale Real. O levantamento foi realizado no final da manhã de quinta-feira (21) e confirmado à noite, segundo o sistema da Secretaria Estadual da Saúde (SES).

Leia também Piratini estuda possibilidade de criar Programa Estadual de Transferência de Renda Secult pede apoio para bancada gaúcha na Câmara para aprovação de PL para setor da Cultura Nas últimas 24 horas, Rio Grande do Sul registra 549 novos casos de Covid-19 e cinco óbitos Destes, há algumas características que prevalecem. Por exemplo, 11 deles têm uma população abaixo de 10 mil habitantes. Na separação das regiões pelo distanciamento controlado do governo do Rio Grande do Sul, ficam nas áreas de Novo Hamburgo, Taquara e Caxias do Sul. Só uma delas pertence à delimitação de Canoas.

Ainda pelo modelo, elas estão classificadas com as bandeiras amarela ou laranja, o que significa que possuem baixo ou médio risco. Ao ser questionada sobre os dados e traçar possíveis perspectivas futuras, a Secretaria Estadual da Saúde diz, em nota, que "não trabalha com este tipo de projeção". Isto é, não há como prever a evolução da doença hoje, amanhã ou depois. Alerta

Já o presidente da Sociedade Brasileira de Virologia e professor da Universidade Feevale, Fernando Spilki, faz um alerta: "é muito difícil que o vírus não alcance estas cidades", pontua. De acordo com o profissional, se constatou que o novo coronavírus está circulando fortemente na região. "E o número de casos vem aumentando. Pode ser questão de tempo", avalia.

Um dos motivos para isso, segundo Spilki, é a projeção de casos. "Ainda não chegamos no pico, nem entramos em uma curva descendente. Não estamos em uma situação de estabilidade no número de casos novos", explica, acrescentando que a maior flexibilização para retomada de atividades, em virtude de novas políticas que vêm sendo implementadas no Estado, também deve interferir nos números.

Possíveis motivos

Analisando as cidades que não têm registros de coronavírus, Spilki chama a atenção para alguns detalhes. "São cidades com população pequena e o que ocorre, teoricamente, é que fica mais fácil de controlar, pois há menos tráfego de pessoas, menos pontos de aglomeração", pontua.

Porém, ele frisa que esse cenário vem mudando. "Estudos recentes estão mostrando que a propagação do vírus tem acelerado mais em cidades pequenas, em nível nacional", descreve.

São as mudanças nas relações econômicas que podem contribuir para o espalhamento do novo coronavírus. "Com a reabertura de grandes polos de comércio nas grandes cidades, por exemplo, pode acabar atraindo pessoas para consumo nesses locais", cita, lembrando, também, que muitos moradores podem trabalhar em municípios vizinhos onde já há casos. Ritmo acelerado de expansão da doença

Outro ponto destacado por Spilki é que pesquisas estão mostrando um ritmo mais acelerado de expansão da doença em cidades pequenas e médias. O grupo da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), que também tem estudado o assunto, aponta que "na conjuntura atual, visualiza-se um processo de dispersão de casos da Covid-19 para municípios menores de forma acelerada, demonstrando que o processo de interiorização leva de quatro a seis semanas." Morro Reuter está investindo em ações

"O município, seguindo orientações do Ministério da Saúde e governo do Estado, tomou várias medidas de prevenção", pontua a secretária de Saúde, Assistência Social e Meio Ambiente de Morro Reuter, Ana Cláudia Menna Barreto, como uso de máscara facial no comércio. "Também investimentos em equipamentos para a nossa equipe e desde 23 de março está sendo feita a sanitização nas áreas internas e externas da Unidade Municipal de Saúde", acrescenta.

O município ainda ressalta que investiu na aquisição de testes e participa do convênio de análises com o laboratório da Universidade Feevale. "Estruturamos espaços específicos para, caso aconteça um caso positivo, tenhamos toda condição de realizar um primeiro atendimento adequado. Também temos um ambulatório de campanha, na área externa da Unidade Municipal de Saúde, onde são triados os pacientes com síndrome gripal", conclui Ana Cláudia.

Alto Feliz entre as menores cidades

Alto Feliz, com 3.028 moradores, de acordo com população estimada pelo IBGE em 2019, adotou várias as medidas de prevenção desde o início da pandemia. "A conscientização e o respeito pelo próximo têm papel fundamental na prevenção deste vírus. Como se trata de um município pequeno e onde a comunidade é muito participativa e comprometida, a adesão ao isolamento social teve repercussão positiva", afirma o coordenador da Secretaria Municipal da Saúde, Jeferson Follmann.

Caso venha a confirmação de algum caso, a prefeitura diz que está preparada. "O município reestruturou o fluxo da Unidade Básica de Saúde, para atender os casos de Covid-19 e posterior encaminhamento ao nosso hospital de referência, que é o Hospital Schlatter,

de Feliz", destaca, acrescentando que os profissionais dispõem de todos os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) necessários.

Igrejinha segue com toque de recolher

Entre as medidas adotadas por Igrejinha na prevenção da Covid-19 está o toque de recolher. "O município vem trabalhando no sentido de equalizar as ações de distanciamento social com a questão econômica. Por isso, publicou na última semana o decreto 4.832/2020 que, entre outras medidas, instituiu o toque de recolher no município", pontua o prefeito, Joel Wilhelm.

De acordo com o chefe do Executivo, a ação serve como prevenção à pandemia e para evitar aglomerações. A cidade está entre as poucas na região classificada com a bandeira amarela. "Se mudar nossa bandeira para laranja, teremos mais restrições para o comércio e serviços, e é isso que não queremos", acrescenta.

Se confirmar algum caso, Igrejinha possui uma estrutura para atendimento dos sintomas gripais que funciona no Parque de Eventos Almiro Grings. O Hospital Bom Pastor possui 12 leitos para pacientes com Covid-19.

Quer receber notícias como esta e muitas outras diretamente em seu e-mail? Clique aqui e inscreva-se gratuitamente na nossa newsletter. TAGS: coronavirus covid-19 pandemia Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

22/05/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

Campo Bom confirma sete casos de Covid-19 em uma semana; cinco em apenas um dia

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/05/22/campo-bom-confirma-sete-casos-de-covid-19-em-uma-semana--cinco-em- apenas-um-dia.html

Laboratório da Universidade Feevale é um dos locais que realiza testes para Covid-19 em convênio com municípios Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale Ao longo desta semana, Campo Bom confirmou sete casos de Covid-19. Destes, cinco ocorreram em apenas um dia, na última quinta-feira (21). Na quarta-feira (20), o quinto caso do município foi anunciado: um homem de 57 anos que está internado no Hospital Lauro Reus, em estado estável. Depois dele, quatro integrantes da sua família testaram positivo, conforme anunciado no dia seguinte pela prefeitura.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Leia também Caixa libera crédito da 2ª parcela do auxílio emergencial a nascidos em maio e junho 138 mil candidatos aguardam para fazer provas práticas e teóricas de direção Campo Bom endurece decreto, prevê fechamento de locais públicos e possibilidade de multa

Ainda na quinta-feira, o então sexto caso da cidade foi descoberto. A paciente é uma mulher de 51 anos, sem doenças preexistentes. "Ela está em bom estado de saúde e em isolamento domiciliar. Todas as pessoas que tiveram contato com ela estão sendo monitoradas", destacou a Secretaria Municipal de Saúde. Este não tem relação com os anteriores.

Segundo a prefeitura, o 11º caso é de uma mulher, também sem relação com as demais confirmações. Apenas o homem de 57 anos está internado no momento.

Propagação comunitária

Com isso, o prefeito Luciano Orsi fala em propagação comunitária do vírus e afirma que já é considerada como certa a existência de mais casos na cidade. "Cercamos mais de 50 contatos dessas pessoas, para começar a monitorar. Vocês não sabem o trabalho que isso dá para a secretaria de Saúde", apontou.

O município, que foi o primeiro do Estado a ter um caso de coronavírus, estava há 47 dias sem novos registros. Os quatro primeiros pacientes são considerados recuperados. Antes dos sete casos recentes, a última confirmação havia ocorrido em 3 de abril.

TAGS: campo bom coronavirus covid-19 Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

22/05/2020 | O Sul | osul.com.br | Geral

Coronavírus no RS: pesquisa inicia quarta fase de testes rápidos neste sábado

<https://www.osul.com.br/coronavirus-no-rs-pesquisa-inicia-quarta-fase-de-testes-rapidos-neste-sabado/>

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul inicia neste sábado (23) em nove cidades do Estado. Os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, nos dias 23, 24 e 25 de maio, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores das cidades Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul.

“Mesmo com previsão de chuva para o estado, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração, o estudo poderá ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia”, diz a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

A pesquisa inédita, coordenada pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com o governo do Estado, está mapeando os casos de coronavírus e acompanhando, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio no RS. Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento: na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente os domicílios que entram no estudo; e em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores – profissionais voluntários da área de saúde – têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção. A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visita previstos na pesquisa.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. “Inicialmente a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o Governo do Estado a ampliação do estudo. Faltam somente acertar as datas e quantas serão as etapas a mais”, diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); UFCSPA (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre); Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos); Unisc (Universidade de Santa Cruz do Sul); UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul); UFSM (Universidade Federal de Santa Maria); Unipampa/Uruguaiana (Universidade Federal do Pampa); UCS (Universidade de Caxias do Sul); IMED e UFFS/Passo Fundo (Universidade Federal da Fronteira Sul), UPF (Universidade de Passo Fundo) e Unilasalle (Universidade La Salle).

Os custos de R\$ 1,5 milhão têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro.

Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados.

Voltar Todas de Ciência

22/05/2020 | O Sul | osul.com.br | Geral

Começa neste sábado a quarta fase da testagem de coronavírus em nove cidades gaúchas

<https://www.osul.com.br/comeca-neste-sabado-a-quarta-fase-da-testagem-de-coronavirus-em-nove-cidades-gauchas/>

A quarta etapa da pesquisa domiciliar que permite uma estatística mais realista dos casos de coronavírus começa neste sábado (23) em nove cidades do Rio Grande do Sul. Sob coordenação da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), devem ser realizados até segunda-feira 4,5 mil testes rápidos com moradores de Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Caxias do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Pelotas. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e da SES (Secretaria Estadual da Saúde) em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados, ou seja, provavelmente até a próxima quarta-feira (27). "Mesmo com previsão de chuva para o estado, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares", ressalta a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo. "É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores, pois o estudo proporciona evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia." Inédito, o estudo realizado em parceria com o governo gaúcho está mapeando os casos de coronavírus e acompanhando, de forma quinzenal, a velocidade de disseminação da pandemia. Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento. Na primeira fase do levantamento, há 45 dias, 0,05% dos indivíduos testados apresentaram resultado positivo. Já na terceira (9 a 11 de maio), o índice subiu para 0,22%. Com isso, os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, outros nove não constam nas estatísticas oficiais. Metodologia Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa pretendem visitar 500 domicílios em cada cidade, totalizando assim 4,5 mil indivíduos. As residências são indicadas de forma aleatória (por sorteio), sendo que em cada uma é também sorteado o morador que será convidado a fornecer amostra. Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - possuem um cartão de identificação visível e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança do município para confirmar a abordagem. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visitação previstos no estudo. Ainda em âmbito local, a pesquisa também conta com o apoio das secretarias de saúde e centros de vigilância epidemiológica, dentre outros. O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente a rodada deste fim de semana seria a última, mas já definimos com o governo do Estado a ampliação do estudo, faltando apenas acertar as datas e o número de etapas adicionais", salienta o reitor da UFPel e coordenador-geral do estudo, Pedro Hallal. Engajamento Os custos, que totalizam R\$ 1,5 milhão, têm financiamento da Instituto Cultural Floresta, Unimed Porto Alegre e Instituto Serrapilheira (Rio de Janeiro). Além da Universidade Federal de Pelotas, a iniciativa mobiliza diversas instituições de ensino superior públicas e particulares: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFCSPA (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre), Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Unisc (Universidade de Santa Cruz do Sul), Unijuí (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), Unipampa (Universidade Federal do Pampa), UCS (Universidade de Caxias do Sul), UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), UPF (Universidade de

22/05/2020 | Portal da Cidade Igrejinha | igrejinha.portaldacidade.com | Geral

Gaúcha integra pesquisa que desenvolverá novo teste de Covid-19 na Inglaterra

<https://igrejinha.portaldacidade.com/noticias/regiao/gaucha-integra-pesquisa-que-desenvolvera-novo-teste-de-covid-19-na-inglaterra-3212>

A egressa do curso de Biomedicina da Universidade Feevale, Paula Boeira, residente há três anos na Inglaterra, integra um grupo de pesquisa da University of Plymouth que está na linha de frente de combate ao novo coronavírus. Os pesquisadores estão analisando as diferentes respostas imunológicas dos pacientes com Covid-19 e trabalhando para desenvolver um teste simples que ajude a prever quem desenvolverá uma doença grave.

O estudo, intitulado Immune Biomarkers of Outcome from Covid, é realizado pelo Plymouth Hepatology Research Group da Universidade nos hospitais universitários Plymouth NHS Trust (UHP). "Ao analisar amostras colhidas assim que os pacientes entram no hospital e, depois, acompanhá-los à medida que a doença progride, buscamos identificar, em um estágio inicial, quem, provavelmente, desenvolverá a doença respiratória grave que pode ser associada com o vírus", explica Paula.

Conforme a pesquisadora, o estudo, que se iniciou há cerca de três semanas, está previsto para levar de dois a três meses. Já foram analisados 30 pacientes em um curto período de tempo, sendo necessários, aproximadamente, 200 pacientes para concluir esta etapa. De acordo com Paula, já foram notadas algumas diferenças entre pacientes e controles, mas ainda é muito cedo para se ter alguma conclusão.

Paula formou-se em 2011 na Feevale e, após um período em que estudou mestrado em Ciências Biomédicas na Holanda, mudou-se para a Inglaterra em 2017. É estudante de PhD do Hepatology Research Group da Faculty of Health da University of Plymouth. Para a egressa, a Feevale a preparou muito bem na questão de prática laboratorial. "Foi importante, principalmente, o estágio final dentro de um hospital, lidando com amostras de pacientes diariamente, que é o que eu faço agora neste estudo. Aqui, na Inglaterra, os alunos não têm muitas aulas práticas, então posso dizer que saí da minha graduação sabendo fazer de tudo dentro de um laboratório hospitalar e esse é um grande diferencial", afirma.

22/05/2020 | Portal Gaz | gaz.com.br | Geral

Santa Cruz recebe nova fase de pesquisa com testes rápidos no fim de semana

http://www.gaz.com.br/conteudos/coronavirus/2020/05/22/165946-santa_cruz_recebe_nova_fase_de_pesquisa_com_testes_rapidos_no_fim_de_semana.html.php

Uma nova etapa da pesquisa que aponta a proporção de casos de coronavírus no Rio Grande do Sul inicia neste sábado, 23, em Santa Cruz do Sul e outras oito cidades do Estado. Os entrevistadores do estudo irão de casa em casa, nos dias 23, 24 e 25 de maio, para realizar 4,5 mil testes rápidos com moradores das cidades Santa Cruz do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Santa Maria, Uruguaiana, Ijuí, Passo Fundo e Caxias do Sul.

"Mesmo com previsão de chuva para o Estado, os entrevistadores estarão nas ruas, realizando os testes e entrevistas domiciliares. É fundamental que as pessoas recebam os entrevistadores e participem da pesquisa. Somente com essa colaboração, o estudo poderá

ter resultados precisos e colaborar com evidências científicas para estratégias de enfrentamento da pandemia", disse a epidemiologista Mariângela Freitas Silveira, integrante da coordenação do estudo.

A pesquisa inédita, coordenada pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com o Governo do Estado, está mapeando os casos de coronavírus e acompanhando, quinzenalmente, a velocidade de disseminação do contágio no RS. Resultados das etapas anteriores forneceram as primeiras evidências do percentual de pessoas com anticorpos para a Covid-19 na população gaúcha, apontando tendência de aumento.

Na terceira fase do levantamento, realizada entre 9 e 11 de maio, 0,22% das pessoas testadas apresentaram resultado positivo. Na primeira fase, há quase 45 dias, esse número era de 0,05%. Os dados mais recentes estimam que, para cada caso notificado, existam nove não contabilizados pelas estatísticas oficiais.

Para realizar as entrevistas e testes rápidos neste fim de semana, entrevistadores da pesquisa irão visitar 500 domicílios por cidade. Ao todo, são 4,5 mil participantes da amostra. Em cada município, são sorteados aleatoriamente os domicílios que entram no estudo; e em cada domicílio, um novo sorteio determina o morador que irá realizar o teste rápido.

Todos os entrevistadores - profissionais voluntários da área de saúde - têm cartão de identificação do estudo e estarão usando equipamentos de proteção individual: máscaras descartáveis, jalecos e sapatilhas descartáveis, luvas e óculos de proteção.

A pesquisa tem o apoio das secretarias de saúde, centros de vigilância epidemiológica e órgãos de segurança pública dos municípios. Em caso de dúvida, os participantes poderão entrar em contato com os órgãos de segurança de cada município para checar a abordagem à casa. A Brigada Militar e a Guarda Municipal das localidades estão apoiando o estudo e têm informações sobre os locais de visita previstos na pesquisa.

O cronograma inicial da pesquisa previa quatro etapas de coletas de dados. "Inicialmente a rodada do próximo fim de semana seria a última, mas já definimos com o Governo do Estado a ampliação do estudo. Falta somente acertar quantas serão as etapas a mais e as datas", diz o reitor da UFPel e coordenador geral do estudo, Pedro Hallal.

O estudo mobiliza uma rede de doze instituições de ensino superior públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

Os custos de R\$ 1,5 milhão têm financiamento da Unimed Porto Alegre, do Instituto Cultural Floresta, também da Capital, e do Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados são divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 48 horas após a finalização da coleta de dados.

Em apoio aos profissionais da Saúde

<https://www.redepress.com.br/noticias/2020/05/em-apoio-aos-profissionais-da-saude/>

Read Time:1 Minute, 13 Second

O Laboratório de Estudos em Saúde Integrativa (Labesi) da Unisinos, junto de outras universidades, através das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), está participando da campanha Proteger o trabalhador e a trabalhadora é proteger o Brasil, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A campanha é destinada aos profissionais da Saúde que desenvolvem funções assistenciais, administrativas e operacionais, da atenção básica à assistência hospitalar especializada. Crédito: Getty

As PICS são tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais, voltados para prevenir diversas doenças como depressão e hipertensão. Em alguns casos, também podem ser usadas como tratamentos paliativos em algumas doenças crônicas.

A coordenadora do Labesi, Rosalia Figueiró, conta que as atividades iniciaram no RS, mas o CNS pediu que o atendimento fosse ampliado. "Todos os terapeutas possuem formação e experiência para o teleatendimento. Os atendimentos são registrados na plataforma, contamos com um banco de dados sobre o motivo pela busca do atendimento, bem como a real situação que estes profissionais estão passando diante da pandemia".

Atualmente, a rede conta com 70 terapeutas, são eles docentes, pesquisadores e bolsistas com formação e experiência em teleatendimento.

Profissionais de saúde podem requerer, de maneira gratuita, atendimentos por meio de telefone, Whatsapp, plataformas de redes sociais ou videochamadas. Para solicitar atendimento, acesse revirasaude.com, clique em Trabalho na saúde e quero apoio. Selecione a iniciativa que melhor se adeque as suas necessidades e preencha com seus dados. Os atendimentos estarão disponíveis enquanto durar a pandemia. Compartilhar Facebook Twitter Pinterest LinkedIn

Gaúcha integra pesquisa que desenvolverá novo teste de Covid-19 na Inglaterra

<http://temaspreferidos.com.br/noticias/noticia/p/ga-cha-integra-pesquisa-que-desenvolver-novo-teste-de-covid-19-na-inglaterra>

Paula Boeira, graduada em Biomedicina pela Universidade Feevale, faz parte do Hepatology Research Group da University of Plymouth

A egressa do curso de Biomedicina da Universidade Feevale, Paula Boeira, residente há três anos na Inglaterra, integra um grupo de pesquisa da University of Plymouth que está na linha de frente de combate ao novo coronavírus. Os pesquisadores estão analisando as diferentes respostas imunológicas dos pacientes com Covid-19 e trabalhando para desenvolver um teste simples que ajude a prever quem desenvolverá uma doença grave.

O estudo, intitulado Immune Biomarkers of Outcome from Covid, é realizado pelo Plymouth Hepatology Research Group da Universidade nos hospitais universitários Plymouth NHS Trust (UHP). "Ao analisar amostras colhidas assim que os pacientes entram no hospital e, depois, acompanhá-los à medida que a doença progride, buscamos identificar, em um estágio inicial, quem, provavelmente, desenvolverá a doença respiratória grave que pode ser associada com o vírus", explica Paula.

Conforme a pesquisadora, o estudo, que se iniciou há cerca de três semanas, está previsto para levar de dois a três meses. Já foram analisados 30 pacientes em um curto período de tempo, sendo necessários, aproximadamente, 200 pacientes para concluir esta etapa. De acordo com Paula, já foram notadas algumas diferenças entre pacientes e controles, mas ainda é muito cedo para se ter alguma conclusão.

Paula formou-se em 2011 na Feevale e, após um período em que estudou mestrado em Ciências Biomédicas na Holanda, mudou-se

para a Inglaterra em 2017. É estudante de PhD do Hepatology Research Group da Faculty of Health da University of Plymouth. Para a egressa, a Feevale a preparou muito bem na questão de prática laboratorial. "Foi importante, principalmente, o estágio final dentro de um hospital, lidando com amostras de pacientes diariamente, que é o que eu faço agora neste estudo. Aqui, na Inglaterra, os alunos não têm muitas aulas práticas, então posso dizer que saí da minha graduação sabendo fazer de tudo dentro de um laboratório hospitalar e esse é um grande diferencial", afirma.